AVENTURAS DE HANS STADEN

O homem que naufragou nas costas do Brasil em 1.553 e esteve oito meses prisioneiro dos índios tupinambás; narradas por Dona Benta aos seus netos Narizinho e Pedrinho.

I
Quem era Hans Staden

Dona Benta sentou-se na sua velha cadeirinha de pernas serradas e principiou:

— Hans Staden era um moço natural de Homberg, pequena cidade do Estado de Hesse, na Alemanha.

— De S? — exclamou Pedrinho, dando uma risada. — Que engraçado!

— Não atrapalhe — disse Narizinho. — Assim como em São Paulo há a Freguesia de Nossa Senhora do Ó, bem pode haver o Estado de S na Alemanha. Em que o O é melhor que o S?

— Não digam tolices — interrompeu Dona Benta. — Esse Estado da Alemanha escreve-se em português h e s s e, diz-se Hessen em alemão. Nada tem que ver com a letra S.

Depois desta lição Dona Benta continuou:

— O moço Staden tinha o temperamento aventureiro; não se contentava com o sossego da cidade natal. Queria ver o mundo, viajar, cortar os mares, e insistia nisso por mais que seu pai lhe dissesse que boa romaria faz quem em casa fica em paz.

Um dia resolveu sair de Homberg.

— Adeus, meu pai! Não nasci para árvore. Quero voar, conhecer o mundo. Adeus!

— Pois vai, meu filho. Todos nós temos um destino na vida; se o teu destino é viajar, que se cumpra.

Hans partiu para a cidade de Bremen e de lá para a Holanda, onde, no porto de Campon, encontrou várias naus que se apresentavam com destino ao reino de Portugal. O moço embarcou em uma delas e chegou a Setúbal depois de quatro semanas de travessia.

— Quatro semanas! — exclamou Pedrinho. — Que carroça!

— Naquele tempo de navegação a vela as viagens dependiam dos ventos, sendo por isso incertas e demoradas; Fazia-se em meses o que hoje se faz em dias.

Hans esteve algum tempo em Setúbal, com certeza provando o gostoso vinho moscatel que lá fabricam. Depois tomou o caminho de Lisboa. Sua intenção era seguir para as índias numa das frotas que dali costumavam zarpar.

— Zarpar? — interrompeu Pedrinho. — Por que fala assim tão difícil hoje, vovó?

— Não estou falando difícil, Pedrinho. Há certas expressões que se chamam "técnicas" e que vocês precisam ir aprendendo. Zarpar se diz quando um navio ou uma esquadra sai dum porto. É uma expressão técnica, isto é, de sentido exato.

— Muito bem. Continue. Achou ele navio que o levasse para as índias?

— Não teve sorte. Hans não encontrou nenhum navio com destino às índias. Em vista disso engajou-se como artilheiro num barco do Capitão Penteado, que se destinava ao Brasil. Essa nau era mercante, mas ia armada de canhões, como se fosse navio de guerra, e levava ordem do rei para atacar os barcos franceses encontrados pelo caminho.

— Por que isso, vovó?

— Portugal e França estavam em luta por causa das terras novas descobertas em 1.500, e era no mar que justavam contas.

A França julgava-se com tanto direito de explorar essas terras como Portugal, mas tais terras pertenciam a Portugal e Espanha que haviam tomado posse delas antes dos outros. Terra naquele tempo era de quem primeiro a pegava.

Mas a França não concordava com isso e o seu rei nessa época, Francisco I, havia dito em certa ocasião:

— Eu quero que me mostrem o testamento de Adão que repartiu o Novo Mundo entre o rei da Espanha e o rei de Portugal, pondo-me fora da partilha.

Era por esse motivo que os franceses e portugueses se atracavam no mar, embora não existisse guerra declarada entre as duas nações.

Mas a nau em que ia o nosso Staden partiu de Lisboa, seguida de outra menor, e foi ter à ilha da Madeira, onde já se produzia muito vinho e açúcar. Em Funchal, porto da ilha, a frota ancorou para receber víveres. Em seguida tomou o rumo das costas da Berberia.

— Berberia ou Barbaria, vovó? — perguntou o menino. — Não quer dizer terra dos bárbaros?

— Não, meu filho. Quer dizer terra dos berberes, nome genérico dado aos habitantes do norte da África. Talvez a palavra berbere venha de bárbaro. Os dicionários têm dúvidas a respeito.

Os navios foram ter ao porto de Arzila, cidade que os portugueses tinham tomado aos berberes e que depois perderam.

Por informação de pescadores espanhóis o Capitão Penteado soubera que por lá andavam navios corsários, em comércio com esses mouros, e tratou de dar-lhes caça.

De fato, encontrou um e imediatamente o atacou, mas a tripulação do corsário teve tempo de tomar os botes e fugir para terra. Os portugueses apossaram-se do navio, nele encontrando grande quantidade de açúcar, amêndoas, couro de cabrito, goma-arábica e tâmaras.

— Que gostoso! — exclamou Pedrinho, lambendo os beiços.

Ele gostava muito de tâmara.

— Mas era direito isso, vovó? — indagou a menina.

— Ah, minha filha, a história da humanidade é uma pirataria que não tem fim. O mais forte, sempre que pode, depreda o mais fraco. Só quando a justiça for uma realidade, em vez de ser um ideal, é que as coisas mudarão de rumo.

A nau vencedora levou a presa para a ilha da Madeira, donde o capitão mandou o navio menor a Lisboa, saber do rei o que devia fazer, visto como parte do carregamento pertencia a espanhóis, com quem os portugueses não estavam em guerra.

— Foi o navio a Lisboa só para dar o recado? Imaginem!... — Que remédio! Não havia outro meio; não era como hoje, que a radiotelegrafia põe os barcos em comunicação instantânea com a terra sempre que é preciso. O navio foi e voltou. El-rei mandou dizer que ia estudar o assunto; Penteado que deixasse a presa na ilha e continuasse a viagem.

Em seguida o Capitão Penteado voltou para Arzila, na esperança de apanhar nova presa.

Esse cálculo falhou. Sobreveio fortíssima tempestade, que arrojou a nau a quatrocentas milhas dali, para os lados do Brasil.

— Quantos metros tem a milha, vovó? — indagou Pedrinho.

— A milha varia muito, de país para país. É medida do tempo dos romanos, entre os quais valia mil passos. Mas como isso de passo cada povo o tem maior ou menor, conforme o comprimento das pernas, há milhas de 1.609 metros, como a inglesa, e milhas de mais de 8.000 metros, como a húngara. Mas hoje está generalizada a milha marítima de 1.852 metros.

— É uma danada, esta vovó! Parece um livro aberto — disse o menino, entusiasmado com a ciência da velha.

— Continue, vovó — pediu Narizinho, mais interessada na navegação de Hans do que na elasticidade da milha.

Dona Benta continuou:

— As naus, em vista do avanço que o temporal lhes imprimira no rumo do Brasil, deixaram em paz as costas da Berberia e seguiram viagem para as terras de Cabral.

Pelo caminho toparam grande quantidade de peixes-voadores. Erguiam-se do mar em cardumes para fugir à perseguição dos peixes maiores; voavam um bom pedaço e iam cair n'água, muito longe dos seus inimigos. Às vezes voavam à noite e vinham dar de encontro às velas e cordas dos navios; de manhã os marinheiros não necessitavam de pescar para o almoço; era só colhê-los no tombadilho. E assim foram os navios singrando até alcançarem a linha do equinócio.

— Que é isso, vovó?

— É o equador, meu filho. Já esqueceu a sua lição de cosmografia?

Chegados ao equador houve um período de calma, isto é, sem brisas, de modo que os navios ficaram parados sobre as ondas, com grande padecimento dos marinheiros em vista do calor sufocante.

Às vezes trovejava e caíam chuvas violentas; mas a calmaria sobrevinha de novo, enchendo de pavor a pobre marujada, porque o prolongamento daquela situação poderia trazer a todos o mais triste dos fins.

Certa noite de chuva apareceram no costado dos navios muitas luzes mortas, coisa que Staden não tinha visto ainda. Onde batiam as vagas ficava a brilhar uma luz azul. Os marinheiros alegraram-se com o fenômeno, a que chamavam santelmo e diziam ser sinal de bom tempo.

Assim foi. Quando raiou o dia principiou a soprar um vento favorável, que permitiu às naus prosseguirem na viagem.

A 28 de janeiro (isso no ano de 1548) avistaram uma ponta de terra, que Hans soube ser o cabo de Santo Agostinho. Mais oito milhas de marcha e finalmente atingiram o porto de Olinda, depois de oitenta e oito dias de mar.

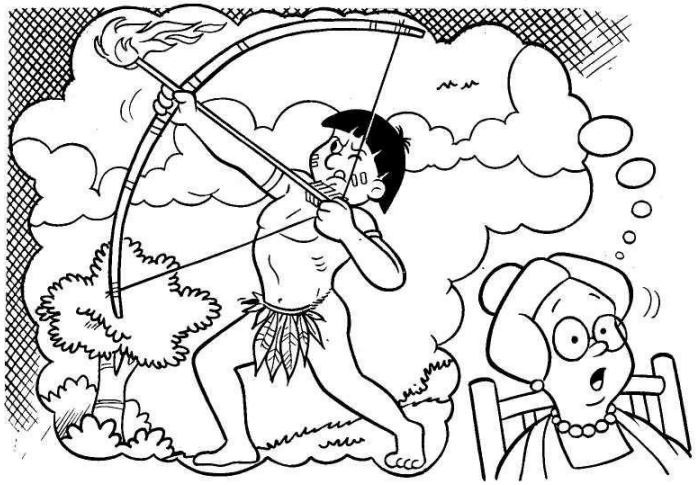
— Mas a tal luz morta, vovó, que era? — quis saber Pedrinho, e Dona Benta explicou.

— Trata-se de fosforescência, de certos bichinhos que bóiam sobre as águas do mar aos bilhões de bilhões, numa verdadeira Via-láctea de massa viva. É a mesma fosforescência dos vaga-lumes, mas em animálculos extremamente pequenininhos...

— Pare um pouco, vovó — pediu a menina. — Quero dar um pulo lá dentro para trazer a Emília. A coitadinha gosta tanto de ouvir histórias...

II

A revolta dos índios



Logo que a menina voltou, Dona Benta, já esquecida dos "animálculos", prosseguiu:

— A colônia de Pernambuco era governada por Duarte Coelho, a quem o Comandante Penteado foi logo apresentar-se. Duarte Coelho contou-lhe que estavam em má situação, em vista de se terem revoltado os selvagens daquela zona.

— Por quê, vovó?

— Porque os colonos haviam capturado e escravizado alguns selvagens. A raça vermelha, ou índia, nunca suportou a escravidão. Prefere a morte, e se não fosse a ganância dos brancos, quer portugueses, quer espanhóis, ganância que os levou a insistir na escravidão dos índios, não teria havido nas Américas os horrores que houve.

Duarte Coelho pediu ao Capitão Penteado que o ajudasse naqueles apertos, indo com os seus homens guarnecer uma colônia de nome Iguaraçu[1], naquele momento cercada pelos índios. Essa colônia ficava a umas cinco milhas de Olinda.

O capitão reuniu em um bote quarenta marinheiros e mandou remar para Iguaraçu, situada num braço de mar que avançava terra adentro.

Lá encontraram noventa portugueses e uns trinta e tantos escravos, entre pretos e índios. Os selvagens sitiantes eram avaliados em oito mil.

— Oito mil, vovó? Que horror! Um verdadeiro exército!...

— "Avaliados" em oito mil, meu filho. As avaliações dos interessados em geral erram para mais. O compadre Teodorico, nosso vizinho, sempre avaliou o seu sítio em setenta alqueires. Veio o agrimensor, mediu e achou trinta...

A praça de Iguaraçu era defendida apenas por uma estacada de madeira, que a fechava de todos os lados. Para além da estacada estendia-se a floresta, na qual os índios construíram dois redutos feitos de grossos troncos; ao pé desses redutos abriram trincheiras nas quais passavam o dia, só saindo para guerrilhar.

Os índios conheciam imperfeitamente o poder das armas de fogo, e sempre que os portugueses davam uma descarga deitavam-se, convencidos de que assim se livrariam das balas.

De todas as bandas havia índios, de modo que ninguém podia sair da estacada sem ser flechado. Além disso os sitiantes atiravam as flechas para cima, calculando a curva de jeito que fossem cair verticalmente dentro da praça.

— Eu punha uma panela de cobre na cabeça e queria ver! — disse Pedrinho, com cara de quem descobriu a pólvora.

— Também usavam — continuou Dona Benta — flechas incendiárias, preparadas com algodão embebido em cera.

Acendiam-nas e lançavam-nas contra os tetos das casas. E tanta certeza tinham de vencer aos portugueses, que já combinavam o modo de os devorar a todos numa grande festa.

O cerco ia-se prolongando e as provisões começavam a escassear. Havia mandiocas junto à estacada, mas era impossível chegar até elas. Em vista disso o capitão de Iguaraçu ordenou que os quarenta marinheiros saíssem em dois barcos e fossem até à colônia de Itamaracá[1], a fim de trazer mantimentos.

Os quarenta marinheiros partiram sem demora, encontrando o braço de mar atravancado de grandes árvores, derrubadas pelos índios. Foi preciso jeito para conseguirem passar.

Vendo que a tranqueira tinha sido inútil para tomar-lhes o passo, os selvagens procuraram mais adiante asfixiá-los com a fumaça de grandes fogueiras erguidas nas margens, nas quais lançavam pimenta.

— E esta, vovó — acudiu Pedrinho. — Então já conheciam o uso dos gases asfixiantes?

— É para ver, meu filho, que nada há de novo sob o sol. Essa fumaça de pimenta, aliás, pouco adiantou: fez arder os olhos dos marinheiros mas não os impediu de, com o auxílio da maré, passarem além e alcançarem Itamaracá.

Nessa colônia encontraram as provisões requeridas; encheram os botes e regressaram.

Quando iam chegando a Iguaraçu viram que os selvagens não tinham desanimado de lhes atrapalhar a expedição. Haviam lançado à água novos troncos; além disso, cortaram rente ao chão duas árvores muito altas, que cresciam à beirinha d'água, mantendo-as de pé por meio de cipós, cujas pontas iam ter aos seus redutos. A intenção dos índios era deixar caírem as árvores no momento em que os barcos lhes passassem ao alcance.

Os marinheiros, porém, foram felizes e conseguiram escapar da armadilha. Uma das árvores tombou um pouco atrás de um dos barcos, e a outra, talvez empurrada pelo vento, caiu do lado da terra.

Restava a tranqueira da paulama derrubada na água, a qual oferecia um sério embaraço. Vendo a situação dura, os marinheiros pediram em altos brados o ajutório dos da praça. Mas os índios ergueram um tal berreiro que os sons se misturaram no ar e não foi possível ouvir-se em Iguaraçu o pedido de socorro.

Apesar disso, como esses quarenta homens fossem dos mais esforçados, mesmo

---

1- Canoa grande.

1- Pedra de maracâ.

sem auxílio estranho puderam romper os tropeços e penetrar com as provisões na estacada.

Este fato valeu a vitória para os portugueses. Os sitiantes desanimaram de vencê-los e propuseram uma paz que foi logo aceita, retirando-se em seguida para as suas tabas.

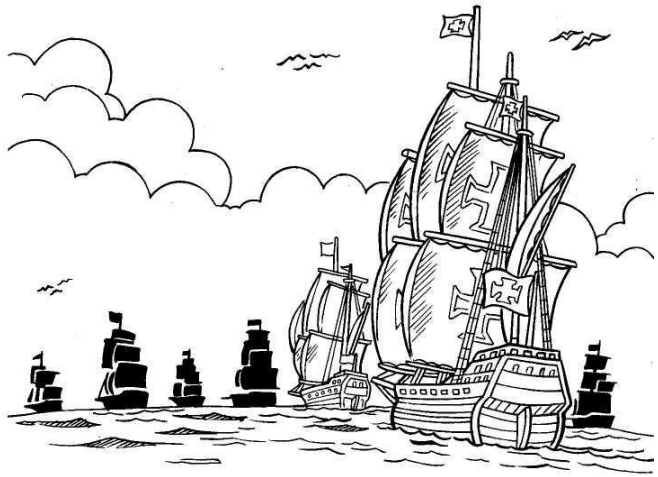
O cerco de Iguaraçu havia durado um mês.

Nada mais tinham que fazer ali os marinheiros de Penteado. Regressaram, pois, a Olinda, onde receberam muitos agradecimentos do governador. E como já os navios estivessem carregados, desfraldaram as velas e partiram.

— Coitada da Emília! — exclamou Narizinho, beijocando a boneca. — Está com cara de quem não entendeu coisa nenhuma, esta boba...

III

A volta para Lisboa



Saindo do porto de Olinda, que os indígenas chamavam Marim[1], as naus velejaram quarenta milhas ao norte, em demanda da terra dos potiguaras.

— Que terra era essa, vovó?

— Essa terra corresponde hoje ao Estado da Paraíba. Havia lá muito pau-brasil, madeira com que os índios comerciavam.

— Um parêntese, vovó — disse Pedrinho. — Por que motivo naquele tempo lidavam tanto com o pau-brasil e hoje não se fala mais nele? Será que lhe acabaram com a casta?

— Não, Pedrinho. O que se deu foi que o carvão-de-pedra derrotou o pau-brasil.

Pedrinho arregalou os olhos.

— Naquele tempo tirava-se dessa madeira uma substância colorante, empregada na tinturaria, como também se extraía o carmim dum inseto chamado cochonilha. Com os progressos da química, porém, a indústria descobriu meios de tirar do carvão-de-pedra as anilinas, isto é, as mães de todas as cores possíveis e imagináveis. E como isto ficasse mais barato, desapareceu a indústria do pau-brasil, da cochonilha, da garança, do anil e de quanto vegetal era cultivado com fins de tinturaria.

— Onde a senhora aprendeu tanta coisa, vovó? — quis saber Narizinho.

— Lendo e vivendo, minha filha. Mas o que sei é nada; parece alguma coisa para vocês, crianças que quase nada sabem; mas diante do que sabe um verdadeiro sábio, como aquele Darwin da Viagem ao redor do mundo, que eu quero que vocês leiam, minha ciência é igual a zero.

Mas voltemos à nossa história. Ao aproximar-se desse porto, o navio do Capitão Penteado encontrou um navio francês. De acordo com as ordens de el-rei atacou-o sem demora, na esperança de o apresar. O tal navio, porém, não era de brincadeiras. Espetou-lhe uma bala de canhão no mastro grande, destruindo-o e

---

1- Povoado.

matando vários homens. Em seguida afastou-se. O navio português não esperava por aquela resposta. Tonteou e... passe muito bem, sou um seu criado.

Para cúmulo de má sorte sobreveio a calmaria e não foi possível entrar no porto. Em vista do contratempo o capitão desistiu do pau-brasil e deliberou regressar ao reino.

Volta péssima. Como não tinham podido tomar provisões na Paraíba, o mantimento veio a escassear, e de tal forma que passaram fome, sendo obrigados a comer um carregamento de couro de cabrito que traziam a bordo. Cada tripulante recebia apenas a ração diária de um copo d'água e um punhado de farinha. Esse horror durou cento e oito dias, até que alcançaram as ilhas dos Açores, também pertencentes ao rei de Portugal.

Certo dia, em que estavam à pesca, apareceu ao longe um barco suspeito. Incontinenti dirigiram-se para ele, a fim de verificar se era amigo ou inimigo. Era inimigo — e os portugueses voaram-lhe em cima.

Como o navio não se achasse em condições de resistência, os seus tripulantes fugiram todos para terra. Penteado apossou-se do barco sem luta, e fez ótimo negócio, tanta farinha e vinho encontrou nos porões.

Foi um regalo. Os vencedores tiraram a barriga da miséria, comendo e bebendo pelo resto do ano.

— Que boa vida! — exclamou o menino. — Bem diz vovó que a história da humanidade é uma pirataria sem fim...

— Infelizmente é verdade, meu filho. Com este ou aquele disfarce de pretexto, o mais forte tem sempre razão e vai pilhando o mais fraco.

— É uma fábula do lobo e do cordeiro... — lembrou a menina.

— Qual, cordeiro! — protestou Pedrinho. — É a fábula do lobo forte e do lobo fraco, uma que me anda na cabeça.

— Bem pensado! — disse Dona Benta. — Essa fábula não foi escrita por Esopo, nem La Fontaine, mas devia ser a fábula número um, porque é a que tem mais freqüente aplicação na vida.

Liquidado o negócio da fábula, Dona Benta prosseguiu:

— Depois de refeitos dos padecimentos da viagem, os portugueses velejaram para a ilha Terceira, em cujo porto se reuniram a numerosos navios que vinham chegando do Novo Mundo, uns com destino à Espanha, outros, a Portugal. E foi fazendo parte de um comboio de cem naus que o barco de Penteado alcançou Lisboa, depois de dezesseis meses de mar.

Em Lisboa, Staden descansou uns tempos, o necessário para esquecer os horrores da primeira viagem e sentir desejos de empreender segunda.

Já conhecedor da terra descoberta pelos portugueses, quis conhecer também os domínios dos espanhóis na América. O Rio da Prata e o Peru deslumbravam todas as imaginações com a fama das suas riquezas. O sonho dos aventureiros consistia em virem juntar ouro do chão, enchendo grandes sacos que os enriquecessem para o resto da vida.

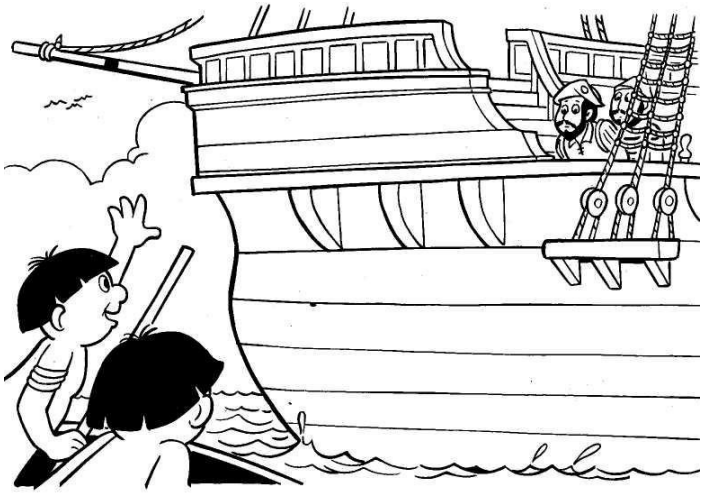
— Mas era assim mesmo, vovó?

— Era. Nas jazidas à flor da terra e no cascalho de certos rios o ouro realmente abundava de maneira maravilhosa, e o que os portugueses e espanhóis tiraram da América não tem conta. Foram milhares e milhares de arrobas!

— Por que, então, não se tornaram esses países os mais ricos do mundo? — perguntou Pedrinho.

— Porque não souberam guardá-lo — respondeu Dona Benta. — Não basta ganhar, é preciso conservar, coisa muito mais difícil. Todo o ouro que Portugal tirou do Brasil foi se passando aos poucos para os países industriosos, sobretudo para a Inglaterra, em troca dos produtos das suas fábricas. Quando os portugueses abriram os olhos, era tarde — o ouro do Brasil estava todo em mãos de gente mais esperta.

IV
A segunda viagem



O nosso Hans Staden foi para Sevilha e lá encontrou uma frota de três navios comandados por Dom Diogo de Senabria, que fora nomeado pelo rei da Espanha governador do Rio da Prata. Hans engajou-se a bordo de um dos navios e partiu em 1549, no quarto dia depois da Páscoa.

Logo no começo tiveram ventos contrários, sendo os navios obrigados a procurar abrigo no porto de Lisboa. Quando o vento virou de feição partiram de novo e velejaram para as Canárias, deitando âncora na ilha da Palma. Ali tomaram provisões e combinaram reunir-se no grau 28 a sul do equinócio, caso durante a travessia alguma tempestade os dispersasse. A nau que lá chegasse primeiro interromperia a sua derrota e esperaria as demais.

— Derrota? — exclamou Pedrinho.

— Sim, derrota — afirmou Dona Benta. — Derrota não é só o que você sabe; é também o rumo, a direção que um navio leva quando singra os mares.

Feita a combinação, partiram e velejaram até Cabo Verde, já na África, onde quase foram ao fundo. Depois, sempre com maus ventos, tocaram algumas vezes nas costas africanas e alcançaram a ilha de São Tomé, pertencente ao rei de Portugal. Em seguida velejaram de novo, não tardando que uma furiosa tempestade dispersasse a pequena esquadra.

— Que azar! — exclamou Pedrinho. — Era preciso muita coragem para ser navegante naqueles tempos.

— Pura verdade, meu filho. A navegação a vela foi uma epopéia.

— Que é epopéia, vovó? — perguntou a menina.

— Eu sei! — exclamou o menino. — Epopéia é, por exemplo, Os lusíadas, de Camões, não é, vovó?

— Não é, meu filho. Dar exemplo não é definir. Epopéia quer dizer poema em que o poeta canta uma grande empresa heróica, uma alta façanha. Os lusíadas são uma epopéia, mas "a epopéia não é, por exemplo, Os lusíadas..."

— Mas então, vovó, navegação é epopéia? é algum poema?

— Sim. É um poema não escrito, porque está acima das forças de um só poeta cantar a série infinita de dramas, heroísmos, abnegações e sacrifícios que enchem os anais da navegação.

Pedrinho achou que bastava.

— Entendi, vovó, pode continuar.

Dona Benta prosseguiu:

— A tempestade dispersou as três naus, sendo a em que ia o nosso Hans arrojada para a zona das calmarias.

Três meses ficou parada em pleno oceano! O vento só reapareceu em setembro, e só então pôde ela prosseguir na sua... na sua quê, Pedrinho?

— Derrota! — respondeu de pronto o menino.

— Isso mesmo, está certo. Vejo que minha lição não foi perdida. E prosseguiu sem incidentes na sua derrota até que um dia, a 18 de novembro, o piloto verificou a altura do sol e viu que estavam a 29 graus de latitude.

— Como é que se verifica a altura do sol? — perguntou Pedrinho.

— Com um instrumento chamado *sextante*, que nos permite calcular a longitude e a latitude, de modo a sabermos em que ponto do globo nos achamos.

— Fiquei na mesma — disse Narizinho; — mas continue, vovó.

— Pois é isso, minha filha, eles verificaram que o navio estava no ponto marcado para a reunião e trataram de procurar, na terra mais próxima, abrigo seguro onde pudessem aguardar a chegada dos companheiros. Velejaram então para oeste, sem sair do grau 28, até que avistaram terra. Como, porém, não houvesse a bordo nenhum piloto conhecedor da zona, e como não é de bom conselho entrar em porto desconhecido, o navio ficou a cruzar em frente da costa.

— Cruzar?!... — repetiu Pedrinho.

— Sim, meu filho. Quer dizer, em náutica, bordejar, ir e vir, não se afastar muito de um certo ponto.

Mas estava o navio a bordejar em frente da terra desconhecida, quando rompe fortíssima tempestade. O perigo torna-se enorme. Perto como se achava da costa, podia o vento arrojar o navio de encontro às pedras e fazê-lo em pedaços.

O capitão cuidou logo de precaver-se contra esse possível desastre. Mandou encher vários barris com pólvora, armas e mais objetos, calafetá-los cuidadosamente e amarrá-los uns nos outros.

— Para quê, vovó?

— Muito simples. Em caso de desastre o mar levaria à praia, com os destroços do barco, aquela penca de barris, onde os náufragos encontrariam o que há de mais precioso para quem se vê arrojado pelo destino ao seio de uma terra selvagem: armas de fogo e pólvora.

A tempestade cresceu de vulto; o barco não pôde resistir e foi arrastado a um ponto da costa cheio de recifes submersos. Não vendo salvação, o comandante mandou aproar para terra. Essa manobra viria favorecer o impulso dos ventos e permitir que a nau encalhasse. Iam-se os anéis mas ficavam os dedos.

Assim foi feito. O barco voou para a costa como um corpo que caísse em direção horizontal. Mas quando se aproximava dos arrecifes, apareceu ao lado um porto, a tempo ainda de permitir a manobra do leme. Em virtude disso, em vez de ir para cima das pedras, o barco foi ancorar numa angra bem abrigada e segura.

— Que sorte! — exclamou Narizinho.

—- Foi sorte, não há dúvida, e é fácil imaginar a alegria daqueles homens, salvos no momento em que o desastre parecia inevitável. Lançada a âncora, agradeceram a Deus o precioso socorro que lhes enviara. Em seguida trataram de descansar e enxugar as roupas encharcadas.

Isso foi lá pelas duas da tarde.

Não demorou muito surgiu uma canoa de índios com mostras de lhes quererem falar.

Os espanhóis responderam que se aproximassem.

A canoa encostou ao barco, havendo falatório de baixo para cima e de cima para baixo, sem que, entretanto, ninguém se entendesse. Para não desconsolar os índios, os espanhóis os presentearam com machados e facas-, coisa que muito os alegrou.

À noite apareceu outra canoa de índios, desta vez com dois portugueses dentro. Estes homens mostraram-se muito admirados de ver o navio naquele porto. Era uma angra de dificílima entrada, sobretudo em dia de temporal.

Os espanhóis narraram as suas tribulações e a maneira milagrosa pela qual vieram ter à angra no instante preciso em que esperavam a morte.

Chamava-se aquele lugar Superagui[1] e ficava distante dezoito léguas de São Vicente e oito de Santa Catarina, para onde os espanhóis pretendiam seguir.

Nesse ponto Narizinho interrompeu a narrativa, exclamando:

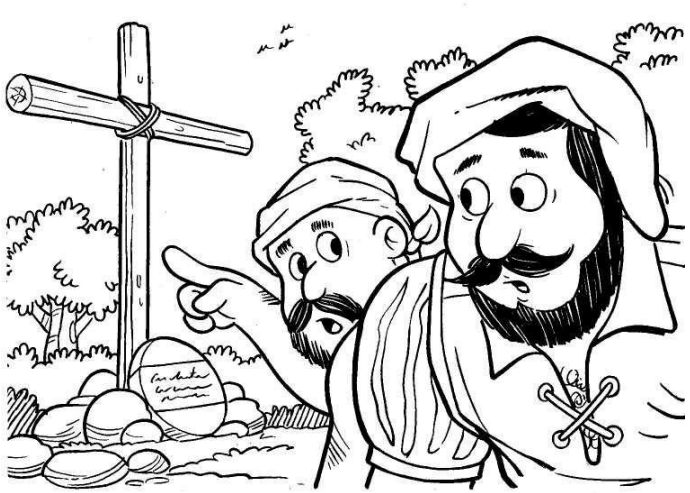
— Pare, vovó. Preciso ir ver o que o Rabicó anda fazendo lá no pomar.

E saiu a correr.

1- Nome de uma língua de terra ao norte de Paranaguá.

V

Reconhecimento da terra



Quando a menina voltou, Dona Benta prosseguiu pausadamente:

— Depois de alguma espera, começou a soprar bom vento. O navio deixou a angra, a fim de procurar o porto de Santa Catarina. Velejou para lá, mas o dia estava tão encoberto que não foi possível encontrar esse porto.

Na manhã seguinte, enquanto os marinheiros rezavam a primeira oração do dia, formou-se uma tempestade. A escuridão ficou de breu. O piloto não sabia o que fazer, atrapalhado como se achava com as muitas ilhas ali existentes. Afinal enveredou ao acaso por detrás duma delas a fim de abrigar o navio. Foi feliz. Deu num porto excelente do qual pôde lançar âncora.

Em seguida os marinheiros tomaram um bote e saíram a fazer um reconhecimento.

Subiram por um canal, inspecionando as margens, a ver se descobriam alguma fumaça, indício certo de humanidade.

Como a noite estivesse chegando, o capitão resolveu desembarcar numa ilhota próxima. Os marinheiros fizeram fogo para o jantar, que se compôs de palmitos cortados ali mesmo. Depois dormiram sossegados.

No outro dia pela manhã meteram-se pela terra adentro. Estavam convencidos de que o lugar era habitado e tinham esperanças de encontrar algum morador. Logo adiante lhes apareceu uma grande cruz de madeira, fincada num monte de pedras. Ao pé dessa cruz havia um fundo de barril com a seguinte inscrição: "*Se viniesse por ventura aqui La armada de Su Majestad, tiren um tiro que harán recado*", o que quer dizer: Se por acaso aqui vierem os navios de Sua Majestade, que dêem um tiro que terão resposta.

A decifração muito alegrou aos marinheiros, e o comandante mandou disparar um tiro de peça.

— Então, vovó, os simples botes traziam canhões?

— Peças pequenas, meu filho, chamadas falconetes, feitas de bronze e de pequeno alcance. A artilharia naquele tempo não dava idéia dos canhões modernos, verdadeiros monstros de aço. Dispararam a peça e daí a algum tempo viram aparecer cinco canoas de selvagens. Os do bote ficaram na dúvida se esses índios vinham como amigos ou inimigos. Mas à medida que as canoas se aproximavam puderam divisar entre os remadores um homem barbado, vestido à européia, com certeza um cristão. Os do bote gritaram-lhe que fizesse parar as canoas e viesse sozinho.

O barbaças obedeceu; fez parar as canoas e veio sozinho. Chamava-se esse homem João Ferdinando, era natural de Bilbau e fora mandado de Assunção a Santa Catarina justamente pelo Capitão Salazar, que agora voltara da Espanha comandando um dos navios desgarrados.

— Viera a Santa Catarina para quê?

— Para aconselhar os índios carijós dessa região a plantarem muita mandioca. Os navios espanhóis, destinados ao Rio da Prata, costumavam aportar ali para receber água — e se também pudessem receber farinha seria ouro sobre azul.

Disse mais o barbaças que o sítio onde estavam era pelos índios chamado Jurumirim[1] e pelos portugueses, Santa Catarina. Esta notícia grandemente alegrou os espanhóis, por ser aquele o porto que demandavam. Por curiosa coincidência, nele haviam penetrado justamente no dia de Santa Catarina.

Os do bote acompanharam o barbaças até à aldeia de selvagens em que ele morava e onde foram muito bem recebidos.

Sentindo-se em terra hospitaleira, o capitão pediu ao barbaças que lhe arranjasse uma canoa de bons remadores, capaz de levar ao navio um mensageiro.

O mensageiro escolhido foi Hans Staden. Logo depois, quando aquela canoa misteriosa se avistou com o navio, houve a bordo grande alvoroço. Os tripulantes puseram-se em defesa, perguntando a Staden por que motivo vinha ele só no meio de tantos índios.

Hans calou-se e fingiu tristeza.

Aquela atitude embaraçou inda mais os do navio, que se puseram a murmurar que com certeza os tripulantes do bote haviam sido mortos e vinham os selvagens com o único restante para lhes armar alguma cilada. Firmaram-se nisso e fizeram menção de atirar contra a canoa.

Vendo mal parada a situação, Hans Staden principiou a rir-se e gritou-lhes de longe todas as boas notícias. Só então permitiram que a canoa abordasse o navio.

Hans subiu, mandou que os índios regressassem e deu as ordens do capitão. O navio levantou ferro e desceu pelo canal até ao sítio das cabanas, onde fundeou, com a idéia de permanecer ali até que chegassem as duas outras naus desgarradas.

Três semanas depois apareceu o segundo navio da frota. Do terceiro nunca houve notícia; naufragou em alto-mar, com certeza.

Depois de embarcarem víveres para seis meses, visto terem de velejar ainda umas trezentas léguas, os dois navios aparelharam para seguir.

O azar que atrozmente perseguia esses navegadores manifestou-se mais uma vez. Ali mesmo, no porto, ocorreu um desastre, do qual resultou perder-se justamente o navio melhor.

Isso impediu o prosseguimento da viagem e forçou-os a ficarem naquele ponto durante dois anos, padecendo toda sorte de privações. Enquanto possuíam anzóis, facas e machados para trocar com os índios, a vida não lhes foi de todo má. Acabada que foi a provisão desses objetos, tiveram de contentar-se com o que podiam apanhar com as suas próprias mãos, e foram obrigados a comer quanto bicho havia — lagartos, ratazanas, mariscos das pedras.

Essa situação não podia prolongar-se por mais tempo e, como a tripulação dos dois navios não coubesse num só, o capitão deliberou que metade dos homens seguisse por terra para Assunção. Tinham que caminhar trezentas milhas através de florestas e desertos desconhecidos. Felizmente conseguiram levar como guias alguns índios e alcançaram Assunção. Muitos pereceram depois de grandes padecimentos no caminho.

O capitão lembrou-se de ir com o navio restante até São Vicente, onde talvez pudesse fretar um em melhor estado. Havia a bordo certo marinheiro de nome Romão, que já estivera em São Vicente e se obrigou a guiá-los até lá.

Partiram, e após dois dias de viagem alcançaram a ilha dos Alcatrazes, assim chamada por causa das aves marinhas que ali se reuniam em grandes quantidades.

Nesse ponto o vento mudou, impondo a necessidade de fundear. O navio lançou âncora e a tripulação desembarcou na ilha.

Andavam os alcatrazes em época de postura, de modo que foi possível fazer-se abundante colheita de aves e ovos, petisqueira muito bem recebida por estômagos saudosos de gulodices.

Nessa ilha encontraram sinais de moradores — cabanas em ruínas e cacos de panela. Mas não viram ninguém. Tudo deserto.

— Vovó — interrompeu Pedrinho —, é hora de botar a moringa no sereno.

— E é hora também de recolher-nos — acrescentou Dona Benta; — vamos deixar o resto para amanhã.

1- Barra pequena.

VI

O naufrágio

No outro dia, à tarde, sob a copa da jabuticabeira cheia de jabuticabas “pintando”, Dona Benta retomou o fio da narrativa.

— Os marinheiros jantaram fidalgamente aves e ovos, preparados de todos os jeitos. Mas a vida do mar não dá repouso. O céu enegreceu ao sul e o vento ganhou corpo. Como o ponto onde a nau fundeara não oferecia abrigo, qualquer vento teria força para arremessá-la de encontro às pedras.

Para prevenir essa hipótese, o capitão tratou de alcançar naquele dia mesmo o porto de Cananéia[1].

— Era tarde. A escuridão que envolvia a terra impediu-o de atinar com a entrada do porto — e como ficar bordejando rente à costa fosse perigoso, o navio fez-se ao largo.

— Então, vovó, em mar alto não há perigo? — perguntou o menino.

— Em mar alto não existem recifes à flor d’água, de modo que o navio se deixa livremente arrastar pelos ventos e pelas correntes marinhas. O grande inimigo dos barcos é a pedra, sobretudo a pedra invisível, que não emerge à flor d’água.

— Emerge ou imerge, vovó?

— São coisas diferentes. Imergir é afundar, mergulhar; emergir é o contrário — é desmergulhar.

Mas, como ia dizendo, o navio fez-se ao largo e durante a noite foi arrastado para tão longe que ao romper da manhã já não se avistava terra.

Foi preciso que velejassem um bom espaço de tempo para terem de novo costa à vista.

Romão, o homem que conhecia São Vicente, indicou certo ponto como sendo o porto procurado.

O navio rumou para lá; mas inutilmente, porque sobreveio forte cerração e a costa desapareceu dentro da neblina.

Tiveram que esperar. Quando a bruma se desfez, Romão declarou que o porto ficava bem defronte, bastando para atingi-lo dobrar o rochedo. Assim foi feito, mas não encontraram porto nenhum, de modo que a situação se tornou desastrosa. A tempestade desencadeou-se, e não houve remédio senão lançar o navio sobre a terra, para encalhá-lo antes que as ondas o desfizessem nas pedras.

Momento trágico! Vagalhões furiosos despedaçavam-se de encontro às rochas, rugindo e estrondeando, como se fossem monstruosos gigantes a escabujar em horrendos ataques epilépticos.

Por cima dele os ventos, tomados de verdadeiro acesso de loucura, uivavam, aos corcovos e rodopios.

Imaginem agora vocês a situação do pobre navio metido entre esses dois furores. Casca de noz, cheia de formiguinhas transidas de medo e agarradas às cordas por instinto de conservação, ora as vagas a erguiam em seu dorso, como o vento ergue a pluma, ora a despenhavam em abismos mais negros que a noite.

Súbito, um baque — e o navio do capitão espanhol desfez-se como bolha de sabão ao dar na ponta dum alfinete...

— Bravos, vovó! A senhora está épica! — exclamou Pedrinho. — Fez uma descrição linda!...

Dona Benta riu-se e continuou.

— Os náufragos lançaram-se ao mar, uns a nado, outros unidos como ostras aos destroços da embarcação — e ganharam a terra. Estavam salvos!...

Nesses transes horríveis salvar a vida é tudo, de modo que caíram de joelhos para render graças à misericórdia divina.

E ali ficaram, naquela praia deserta de um país desconhecido, em penúria extrema, enregelados pelo vento e empapados d’água como esponjas na chuva.

Havia entre eles um francês que, ao sentir-se entanguir, deu de correr ao longo da praia, a fim de esquentar o corpo. Correu, correu por longo tempo. Súbito, avistou ao longe umas casas. Dirigindo-se para lá teve a sorte de ver que por acaso dera num estabelecimento português, chamado Itanhaém, a várias milhas de São Vicente.

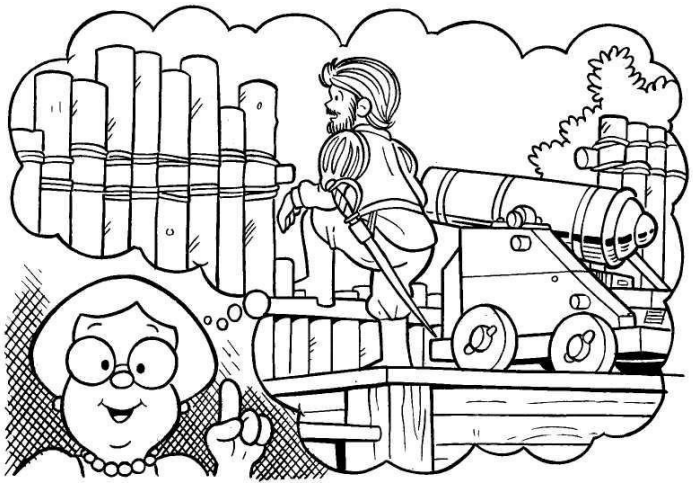
Contou aos moradores a desgraça que os acolhera e o frio e a fome que na praia deserta estavam padecendo os seus companheiros.

Os de Itanhaém imediatamente foram ter com os náufragos e os trouxeram para suas casas, onde lhes forneceram roupas e alimentos.

Nessa aldeia permaneceram uns dias, ganhando alento e refazendo as forças; depois seguiram para São Vicente, onde foi possível ao capitão espanhol fretar o novo barco que os levou ao Rio da Prata.

1- Nome derivado de canindé, arara.

VII
O forte de Bertioga



Hans Staden ficou em São Vicente, colônia portuguesa situada numa ilha muito próxima do continente e que contava dois povoados: o de São Vicente, chamado pelos índios Ipanema[1], e outro de nome Enguaguaçu[2]. Havia ainda pela ilha vários engenhos de açúcar.

Os índios dessa região eram os tupiniquins, cujos domínios se limitavam ao sul com a terra dos carijós, e ao norte com a dos tupinambás, tribos inimigas entre si.

Os tupinambás odiavam aos portugueses por se terem aliado aos tupiniquins, e como a cinco milhas de São Vicente ficasse a Bertioga[3], onde havia um canal de fácil entrada às suas canoas, um grupo de irmãos mamelucos, lá residentes, tratou de erguer ali um forte. Era o meio de proteger contra as incursões desses índios as lavouras que começavam a formar-se nos arredores.

— Que é mameluco?

— Chamavam-se mamelucos os nascidos no Brasil filhos de pai branco e mãe índia. Esses irmãos eram Diogo, João, Domingos, Francisco e André Braga, filhos de um tal Diogo Braga.

Com o auxílio de alguns portugueses e vários índios eles ergueram à entrada do canal um fortim, construíram casas e principiaram a cultivar as terras da Bertioga.

Logo que os tupinambás souberam disso prepararam uma expedição contra esses colonos e certa noite surgiram no canal em setenta canoas.

O ataque deu-se pela madrugada. Os mamelucos e portugueses entrincheiraram-se nas casas e resistiram heroicamente. Mas foram vencidos, embora pudessem milagrosamente fugir. O mesmo não aconteceu com os tupiniquins que viviam com os irmãos mamelucos, os quais foram mortos, divididos em postas e assim conduzidos para a terra tupinambá. Quanto ao forte, os índios puseram-lhe fogo e fizeram-no arder como grande fogueira.

— Conduzidos em postas? — interrogou Narizinho. — Para serem enterrados lá?

— Não, minha filha: para serem comidos...

— Que horror! — exclamou a menina, fazendo uma careta de asco.

— Os tupinambás eram grandes apreciadores de carne humana, como vocês vão ver no decurso desta história.

Depois do desastre as autoridades e o povo de São Vicente tomaram a peito reconstruir o forte, convencidos da sua necessidade para a defesa local, e ergueram no mesmo ponto outro maior e mais bem armado.

Logo depois os tupinambás, vendo que seria difícil passarem ao alcance desse novo forte, ladearam a Bertioga e caíram de improviso sobre São Vicente, matando e aprisionando muitos moradores. Em vista disso os vicentinos cuidaram de erguer segundo forte em ponto que impedisse nova incursão daqueles terríveis inimigos.

Quando Hans Staden chegou a São Vicente essa fortaleza estava com a construção interrompida em virtude de não existir por ali nenhum artilheiro que se arriscasse a morar nela.

Hans era artilheiro e corajoso. Os vicentinos propuseram-lhe o negócio: davam-lhe companheiros e boa paga, além de que ele ganharia a estima de el-rei, sempre generoso com os que prestavam serviços às suas colônias.

Hans aceitou a proposta, contratando-se por quatro meses.

Foi para lá com mais três companheiros, aos quais ensinou o modo de lidar com as poucas peças de artilharia existentes. Viviam muito vigilantes, porque além do forte não ser seguro o inimigo era audaz e manhoso.

Nesse entretempo os vicentinos escreveram a el-rei, contando como era boa e bonita a terra onde moravam, prejudicada apenas pelo mal que aos seus moradores faziam os índios. E o rei mandou, para acudi-los, o Coronel Tomé de Sousa.

— Já havia coronéis naquele tempo, hem, vovó! — filosofou Pedrinho.

— Sim, meu filho, mas em menor número que hoje — e melhores, como esse Tomé de Sousa, que foi um benemérito.

Logo que este oficial chegou os vicentinos lhe falaram com muitos elogios dos préstimos de Hans Staden, da sua coragem e dedicação. Tome de Sousa foi examinar o forte, louvou o intrépido artilheiro e prometeu recomendá-lo ao rei quando regressasse ao reino. E como estivesse a terminar o prazo dos quatro meses, Tomé de Sousa propôs-lhe novo contrato por mais dois anos, findos os quais o enviaria a Portugal pelo primeiro navio. Hans aceitou e continuou no forte, já agora melhorado e aumentado de mais alguns canhões.

A vigilância ali não cochilava, mas era maior em duas épocas do ano. Uma em novembro, quando amadurecia o *abati*, com o qual os selvagens preparavam o *cauim*.

— Abati? — exclamou Pedrinho. — Pensei que o cauim fosse feito de milho.

— Abati — respondeu Dona Benta — era o nome dado pelos selvagens ao milho. De modo que você não pensou errado, meu filho.

— E cauim, que é, vovó? — perguntou a menina.

— Era a bebida fermentada dos nossos índios. Cada povo possui a sua bebida nacional e os nossos indígenas não podiam fazer exceção à regra. Preparavam o cauim de um modo interessante: as mulheres mascavam o milho lançando-o com a saliva em grandes vasilhas, onde ficava a fermentar.

— Modo interessante, diz vovó? — exclamou a menina com ar de nojo. — Que porcaria!

— Para nós — explicou dona Benta; — para nós, que temos outra cultura e modos de ver diferentes. Se você fosse uma indiazinha daqueles tempos havia de achar a coisa mais natural do mundo e não deixaria de comparecer a todas as mascações de abati.

A outra época de vigilância era em agosto, tempo em que as tainhas afluem à foz dos rios para a desova. Como esse peixe constituísse alimento muito precioso para os índios, não só pela abundância, como porque de fácil e longa conservação, em agosto as tribos desciam do interior a fim de pescá-lo. Faziam da tainha uma paçoca a que chamavam *piracuí*.

— "Pira" eu sei que é peixe — disse Pedrinho. — Piracicaba, pirajuí, piracema, pirarucu...

— Isso mesmo — aprovou Dona Benta; — e "*cuí*" significa farinha.

— Por que não falamos nós no Brasil a língua dos índios, em vez da portuguesa? Não era a língua natural da terra?

— Quando numa região se chocam dois povos, como aqui, vence a língua do mais forte. Os portugueses suplantaram os índios; era natural que predominasse a língua portuguesa sobre a tupi. Mas a nossa língua brasileira, a que familiarmente falamos e serve sobretudo às populações no interior do Brasil, é uma verdadeira mistura de português e tupi, três quartos de português para um de tupi.

— É verdade, vovó, que a nossa língua é a mais bonita e rica de todas?

— É, sim, minha filha, para nós; para os ingleses é a inglesa; para os franceses é a francesa, e assim por diante. Para os índios a mais bela está claro que seria a tupi.

— Que pena ser assim! — exclamou Narizinho.

— Pena por quê, menina?

— Porque então não há uma primeira, de verdade...

— Tanto melhor. Sendo cada língua a primeira para o povo que a fala, há no mundo muito mais gente satisfeita do que se não fosse assim.

VIII

A captura de Hans Staden

Hans tinha consigo no forte um escravo carijó, que para ele caçava e o acompanhava em suas excursões.

Certo dia em que apareceu de visita ao forte um tal Heliodoro Hesse, gerente de um engenho de cana de São Vicente, Hans, que na véspera mandara o carijó à caça, ficou apreensivo com a sua demora. Já passava de meio-dia e nada do índio aparecer. Como não fosse bom sinal aquilo, Hans se foi a procurá-lo.

Encontrou-o, e já vinham os dois de volta, a conversar, quando de súbito uma gritaria irrompeu de dentro da mata e um bando de selvagens surgiu, de flechas apontadas.

— Valha-me Deus! — gritou Hans, e caiu ferido numa perna.

Os índios agarraram-no e despiram-no incontinenti. Um tirou-lhe a gravata e pôs-se a dançar de gosto com ela na mão.

Outro tirou-lhe a camisa; outro, o chapéu. Enquanto isso dois selvagens disputavam entre si a posse do corpo de Hans. Um berrava que lhe pertencia, porque lhe pusera a mão primeiro. O segundo alegava que não, pois fora ele que o derrubara. Como não chegassem a acordo, engalfinharam-se e começaram a espancar-se mutuamente com os arcos. Vendo aquilo, os outros agarraram o prisioneiro e levaram-no a correr para onde estavam as canoas.

— Tal qual na fábula do burrinho e dos ladrões — lembrou a menina. — Quando dois brigam, lucra um terceiro...

— É sempre assim na vida, e quanto mais vocês viverem tanto mais se convencerão da sabedoria das velhas fábulas. Mas levaram-no para as canoas e lá viu Hans surgirem novos índios, que vinham a correr numa grande alegria, mordendo os braços como para indicar que o iam comer.

— Que horror, vovó! — exclamou a menina horripilada. — Comer um homem!...

— Pois é, minha filha, davam sinais de que iam comê-lo e com um prazer enorme.

Diante do pobre Hans postou-se um morubixaba, ou cacique, armado de tacape, que contou aos outros como havia caçado aquele *pero*.

— ?

— Os índios chamavam *peros* aos portugueses, talvez porque o chefe dos primeiros aparecidos por cá fosse Pero, ou Pedro Álvares Cabral.

Depois de bem explicada e comentada a façanha, amarraram as mãos do prisioneiro e o puseram no fundo de uma das canoas. Trataram em seguida de puxá-las para a água e safarem-se, receosos de que os do forte já tivessem dado pela coisa e viessem vindo para disputar-lhes a presa.

Esses índios não eram todos da mesma taba, de modo que logo surgiu dúvida sobre a posse do prisioneiro; por fim um deles propôs que o matassem ali mesmo e cada qual levasse o seu quinhão.

Ouvindo aquilo o pobre Hans começou a encomendar a alma a Deus, certo de que não teria nem mais um minuto de vida. O cacique, porém, decidiu de outra maneira. Havia de levá-lo vivo à taba para que as mulheres o vissem e se divertissem com ele; depois o matariam e — "Kauiuim pipeg!" isto é, muito cauim havia de correr. Prometeu preparar bastante cauim, devendo todos os presentes lá se reunirem para o devorar em sociedade.

Assim combinados, amarraram-lhe ao pescoço quatro cordas, cujas pontas ataram à canoa, e partiram.

— Quer dizer que se não fosse a curiosidade das mulheres o pobre alemão morreria ali mesmo!

— É verdade. O seu tipo louro, tão diferente do tipo dos portugueses e tão raro naquela terra, fez que o cacique tivesse aquela boa lembrança. Se fosse moreno, estaria perdido...

Ao pé da ilha onde o aprisionaram havia uma ilhota, na qual se aninhavam umas aves aquáticas de penas vermelhas, chamadas guarás. Essas aves nascem pardacentas e vão avermelhando à medida que crescem. Os selvagens tinham em muito apreço as penas do guará, que lhes serviam de enfeites. Aqueles índios haviam vindo justamente com a idéia de apanhar guarás. O destino quis que em vez dessa caça de penas vermelhas encontrassem um bípede de cabelos louros, manjar muito mais raro e precioso. Todavia, não desistindo de levar alguns guarás, meteram-se pela ilhota atrás deles.

Nisto surgiu na praia um grupo de tupiniquins, com vários portugueses à frente. É que o escravo carijó, que conseguira fugir quando os índios agarraram o artilheiro, correra ao forte e dera o alarme. Vinham agora todos de lá, a ver se livravam o seu chefe.

Como, porém, se achassem em terra e os índios apresadores estivessem parte na ilha, parte no mar, nada puderam fazer, além da troca de umas flechas e zarabatanas. O morubixaba, que ia na canoa do prisioneiro com uma espingarda que lhe dera um francês, desamarrou-lhe as mãos e ordenou-lhe que atirasse contra seus amigos.

— E ele atirou?

— Está claro que sim, meu filho, pois não havia outro remédio. Mas com pontaria muito diferente da de Guilherme Tell...

Depois de breve escaramuça, receosos de que aparecessem canoas tupiniquins, os caçadores de caça humana afundaram os remos n'água e afastaram-se levando feridos três dos seus.

Passando perto do forte onde Hans costumava estar feito um rei no seu trono, puseram-no em pé para que os de lá o vissem.

O forte deu dois grandes tiros de peças, que nenhum mal fizeram às canoas. E lá se foram elas remadas a toda velocidade, fugindo das canoas tupiniquins que principiavam a aparecer.

A perseguição durou pouco. Como os tupinambás levassem boa dianteira, breve deixaram a perder de vista os seus perseguidores.

— Coitado do artilheiro! — exclamou Narizinho, em cujos olhos brilhou uma lágrima de piedade. — Está aí, está no papo dos canibais, como se fosse um leitão assado...

IX
Rumo à taba

A captura de Hans — continuou Dona Benta — deu-se ali pelas quatro horas da tarde, e como a taba fosse longe, resolveram os tupinambás dormir numa ilhota do caminho. Saltaram das canoas e as vararam em terra.

O pobre artilheiro achava-se em mísero estado; além de nada enxergar, pois tinha o rosto em sangue, não podia mover-se, devido ao ferimento da perna. Assim é que ficou deitado na areia, enquanto os índios preparavam o pouso. Naquela imensa aflição pôs-se a rezar um salmo, com os olhos em pranto. Ao vê-lo nesse estado, os índios escarneceram.

— Vede como chora! Ouvi como se lamenta!

Em transes idênticos os prisioneiros indígenas mostravam grande arrogância e profundo desprezo pela vida; arrostavam os seus matadores, ameaçando-os com a vingança dos amigos e parentes. Os brancos, porém, em geral se acovardavam, choravam e pediam misericórdia.

Os tupinambás acenderam fogueiras e deitaram o prisioneiro numa rede armada entre duas árvores, atando aos galhos as pontas das cordas manietadoras. Depois se acomodaram em redor, exclamando com ironia:

— *Che remimbaba indé*. — És meu animal doméstico. Ao raiar do dia partiram de novo e remaram até tarde; apesar disso, quando o sol descambou ainda faltavam duas milhas para chegarem ao último pouso.

Nesse entremeio formou-se no céu, atrás deles, negra nuvem ameaçadora, o que os fez remarem com fúria a fim de atingirem a terra antes da tempestade. Vendo que não podiam escapar à chuva, disseram a Hans:

— Pede a teu Deus para que a tempestade não venha.

Hans concentrou-se e pediu a Deus nestes termos:

— O tu, Deus onipotente, que auxilias os que te imploram, mostra tua força a estes pagãos, por forma que eu saiba que estás comigo e eles vejam que me ouviste.

Hans ia deitado no fundo da canoa, de modo que não podia ver o céu, nem saber se sua prece fora atendida. Mas ouviu um índio dizer "*Oquaramõ amanaçu*" — que significa: "A tempestade já passou". Fez então um esforço, ergueu-se nos cotovelos e pôde olhar para o céu. De fato, as nuvens dispersavam-se, o que lhe trouxe um grande alento de esperança.

Afinal as canoas alcançaram a terra. Os índios desembarcaram, como na véspera, dizendo que no dia seguinte chegariam à taba.

Assim foi. Pela manhã partiram de novo, remaram o dia inteiro e às ave-marias alcançaram a taba de Ubatuba.

Entraram por uma praia perto da qual se viam as mulheres índias lidando numa roça de mandioca.

Ao passar por elas Hans foi obrigado a gritar-lhes:

— Eis a vossa comida que vem chegando!

Pedrinho riu-se dizendo:

— Assim mesmo, vovó, aqueles índios não deixavam de ter a sua graça...

— Para nós, hoje, meu filho, naquele momento o mísero Hans não achou graça nenhuma, nem você a acharia se estivesse em seu lugar.

As mulheres deixaram a roça e vieram rodeá-lo, cheias de curiosidade. Pela primeira vez viam um bípede implume louro, de olhos azuis e cara vermelha como presunto.

Os homens entregaram-lhes o prisioneiro, antes de irem para as cabanas guardar as armas e repousar. Então as mulheres, entoando os cantos que usavam quando iam devorar um inimigo, conduziram-no até à caiçara ou cercado de paus-a-pique que fechava a taba. Pelo caminho foram-lhe dando bofetões e arrancando-lhe punhados de barba.

— *Che anama pipike aé*! — exclamavam como quem diz: "Vingamo-nos em ti do que os teus fizeram aos nossos".

Depois o empurraram para dentro de uma cabana e o deitaram na "*inni*", ou rede, continuando a insultá-lo e maltratá-lo.

Entrementes os homens se reuniram em outra cabana para beber cauim diante dos maracás, ídolos em cuja honra começaram a entoar cantos de agradecimento pelo feliz sucesso da expedição.

Essa música, horrível para Hans, durou meia hora, deixando-o bem convencido de que sua morte não estava longe.

Por fim apareceram na cabana os dois selvagens que o tinham capturado. Esses índios, seus donos por direito de guerra, eram os irmãos Alkindar-miri e Nhaepepô — nomes que significavam "alguidar pequeno" e "panela grande". Vieram dizer-lhe que o haviam dado de presente a um tio, Ipiru-guaçu (tubarão grande), o qual iria tomar conta dele e matá-lo para ganhar um nome.

— Que história é essa de ganhar um nome? — quis-saber o menino.

— Era uso dos índios herdar o nome das vítimas. Ipiru havia, um ano antes, capturado um escravo e presenteado com ele seu sobrinho Alkindar. Este moço, querendo agora retribuir a gentileza, dava-lhe Hans de presente. Ipiru, então, o mataria e lhe herdaria o nome, para acrescentá-lo ao seu, como um penacho.

Os dois irmãos deram o recado e concluíram:

— As mulheres, agora, vão levar-te para o terreiro "*poracê*".

O prisioneiro não compreendeu o sentido desta palavra, que queria dizer dançar, e preparou-se para a morte.

As mulheres pegaram das cordas e puxaram-no para fora. Não sabendo o que queriam dele, Hans procurou consolar-se recordando os sofrimentos de Jesus Cristo maltratado pelos judeus.

Foi levado para defronte da cabana do morubixaba Guaratingaaçu (grande pássaro branco). Lá havia um monte de terra fresca, no qual o assentaram, sempre seguro pelas cordas.

Hans julgou chegado o terrível momento em que aparece a iverapema.

— Que era, vovó?

— Era um tacape próprio para o sacrifício dos prisioneiros. Usavam-no todo enfeitado de penas e manejavam-no de modo que ao primeiro golpe a vítima vinha ao chão, de crânio esmigalhado.

Hans, que conhecia o costume dos índios, correu os olhos em torno, a ver se já traziam a iverapema; como nenhum selvagem aparecesse com ela, sentiu um luar de esperança.

Nisto, uma índia surgiu com uma lasca de cristal na mão, com a qual se pôs a cortar-lhe as sobrancelhas. Depois quis fazer-lhe o mesmo à barba. Hans achou que era demais e pediu que o matassem com barba e tudo. As mulheres então lhe disseram que não iam matá-lo ainda.

Hans conseguiu dessa vez salvar a barba. Só mais tarde é que lha cortaram, com uma tesoura que os franceses haviam introduzido na aldeia.

— Que é que tinham os franceses com esses índios? — perguntou o menino.

— Os franceses faziam-se aliados de todas as tribos inimigas dos portugueses. Era o meio de poderem negociar em pau-brasil e outros produtos da terra, contra a vontade dos que se julgavam donos e queriam monopolizar o comércio do Brasil.

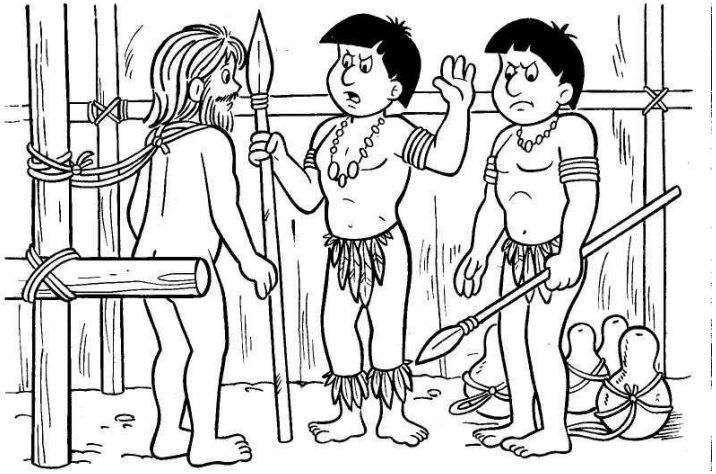
— Mas os portugueses tinham direito a isto aqui ou não? O Brasil não pertencia aos índios?

— O direito dos portugueses era o direito do mais forte. Os índios deixaram-se vencer e desse modo perderam a terra que até então haviam possuído.

— Sempre a fábula do lobo forte e do lobo fraco — comentou Pedrinho filosoficamente.

X

Os maracás



Dali as índias conduziram Hans para defronte da cabana onde se guardavam os maracás, isto é, os ídolos ou deuses selvagens. Eram cabaças cheias de pedrinhas, atravessadas por um cabo e com uma grande boca pintada, ou recortada. Cada selvagem possuía o seu maracá e o acomodava numa cabana especial, onde lhe dava de comer e o consultava sobre tudo.

— Mas o maracá respondia às consultas?

— Respondia, sim, meu filho, como todos os ídolos em todas as religiões respondem às perguntas de todos os fiéis... Quem cala consente: os maracás se calavam, logo, respondiam "sim" a todas as consultas dos índios.

Depois as mulheres formaram um círculo em redor de Hans, amarraram-lhe às pernas uns chocalhos e puseram-lhe à cabeça um turbante de penas chamado "araçoiá". Em seguida começaram a dançar, obrigando-o a bater no chão com o pé, para que o ruído dos chocalhos fosse marcando o compasso.

O ferimento da perna de Hans não estava cicatrizado, de modo que o mísero muito padeceu nessa ocasião.

Terminada a festa, as índias entregaram o prisioneiro a Ipiru-guaçu, a quem competia guardá-lo. Ipiru introduziu-o na cabana dos maracás, dizendo-lhe que aqueles ídolos lhes haviam profetizado a captura de um português.

Hans Staden redargüiu:

— Esses ídolos não falam nada, ou se falam não dizem a verdade, porque é falso que eu seja português. Sou amigo e parente dos franceses; minha terra se chama Alemanha.

Os índios replicaram que era falso, pois se fosse francês não estaria entre portugueses, gente inimiga dos franceses. Disseram ainda que os franceses vinham todos os anos trazer-lhes facas, machados, espelhos, pentes e tesouras, levando em troca pau-brasil, algodão, penas e pimenta. Por isso eram amigos dessa gente. Já com os portugueses fora o contrário. Tinham vindo àquela terra muitos anos antes e logo

se ligaram com os seus rivais tupiniquins. Apesar disso, eles, índios, tentaram aproximar-se e penetraram em seus navios, como costumavam fazer nos navios franceses. Mas foram miseravelmente traídos. Quando os peros viram a bordo um bom número de tupinambás, agarraram-nos e entregaram-nos aos tupiniquins, para que os comessem. Além disso mataram a tiro muitos que estavam de fora, nas canoas. Essas e outras crueldades fizeram-lhes nascer no coração um ódio de morte contra os peros.

— Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça aos selvagens do Brasil eles seriam amigos — observou Pedrinho.

— Certamente — respondeu Dona Benta. — Mas os conquistadores do Novo Mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os próprios selvagens. Um sentimento só os guiava: a cobiça, a ganância, a sede de enriquecer, e para o conseguirem não vacilaram em destruir nações inteiras, como os astecas do México e os incas do Peru, povos cuja civilização já era bem adiantada.

— Mas como é então, vovó, que esses homens são gloriosos e a história fala deles como grandes figurões?

— Por uma razão muito simples: porque a história é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de maneira a dar a impressão de que é um magnânimo herói. Há uma fábula a este respeito. À entrada de certa cidade erguia-se um grupo de mármore, que representava um homem vencendo na luta ao leão. Passa um leão, contempla aquilo e diz: muito diferente seria essa estátua, se os leões fossem escultores!

Mas voltemos à história do nosso Hans. Depois que os índios expuseram as razões gerais da inimizade para com os peros, entraram alguns a alegar motivos particulares. Alkindar e Nhaepepô contaram como os portugueses haviam ferido a seu pai num braço, com um tiro do qual resultou a morte do velho. Esse crime exigia a vingança que sobre Hans ia ser exercida.

Hans defendeu-se. Não era português, tinha vindo com os espanhóis; e se o encontraram entre os peros fora devido ao naufrágio que o arrojara ali. Não era português e pois não merecia que a vingança dos índios recaísse sobre sua cabeça.

Esse argumento calou no ânimo dos selvagens, nos quais o sentimento da justiça não era escasso, e foi resolvido que se averiguasse melhor.

Meses antes da captura de Hans os tupiniquins haviam arrasado uma aldeia tupinambá; os velhos tinham sido devorados e os moços vendidos aos portugueses. Mais tarde um destes conseguiu fugir para a aldeia de Ubatuba, onde ainda se achava naquela ocasião. Chamaram-no, para prestar depoimento a respeito de Hans.

O moço declarou que o conhecera de São Vicente e que Hans realmente viera em navio de espanhóis, gente, aliás, amiga dos portugueses.

Esta declaração melhorou um pouco a situação de Hans, mas não foi suficiente. Pediu ele então que o guardassem vivo até que por ali aparecesse algum filho da França.

Os índios concordaram e ficaram à espera de um francês que andava pela zona, a negociar pimenta.

Hans respirou. Conhecia a lealdade dos índios. Sabia que se um francês aparecesse e o reconhecesse como irmão, estaria salvo. Ficou, pois, à espera do salvador providencial que, segundo as notícias, não andaria longe daqueles sítios.

XI

O francês sem coração

Um dia surge um selvagem pela cabana de Hans adentro, gritando:

— Está cá o francês mercador de pimenta; vamos verificar se és da mesma raça dele ou não.

O pobre artilheiro exultou de contentamento. Era um cristão que vinha ao seu encontro e que fatalmente o salvaria. Apressou-se, portanto, em comparecer à presença daquele juiz que lhe caía do céu.

Essa entrevista, meus filhos, é uma cena de tragédia das mais empolgantes. Quem a figura na imaginação não a esquece nunca mais.

Os selvagens levaram-no à presença do francês, nu como ele andava, tendo apenas nos ombros um pano de linho que achara na aldeia.

O mercador de pimenta dirigiu-lhe a palavra em francês. Hans, que mal conhecia essa língua, atrapalhou-se nas respostas. O monstro, então, voltou-se para os selvagens e disse-lhes em língua da terra:

— É português dos legítimos, meu e vosso inimigo. Matai-o e comei-o!

— Que horror! — exclamou Narizinho. — Que monstro de crueldade! Como podem existir no mundo criaturas assim?

— Realmente, minha filha, custa crer que possam existir no mundo almas tão duras. E se o efeito da sua resposta é em nós o que você sentiu, imagine qual não foi no mísero prisioneiro que depositara nesse cristão todas as suas esperanças!...

Hans insistiu ainda, pediu-lhe por misericórdia que o salvasse da sanha dos selvagens. Tudo inútil. O francês era de pedra.

Desesperado de qualquer socorro, Hans repetiu uma imprecação do profeta Jeremias:

— “Maldito seja o homem que nos outros homens confia” — e retirou-se com a alma despedaçada.

Em caminho arrancou o pano dos ombros — pano que usava para abrigar-se do sol que muito o castigava.

— Se tenho de perecer, para que resguardar esta carne em proveito dos índios?

Os índios levaram-no de novo à cabana da sua prisão, onde Hans se atirou ao solo, a chorar em aflição extrema. Os índios murmuravam entre si:

— É português legítimo: está agora a lamentar-se de medo da morte.

O francês demorou-se dois dias na taba; no terceiro partiu. Ipiru, então, resolveu que se fizessem os preparativos necessários ao *devoramento* do prisioneiro.

Uma desgraça nunca vem só. Para cúmulo de tanta miséria, Hans amanheceu com uma dor de dentes que quase o pôs louco e que, como era natural, não o deixava comer coisa nenhuma.

Ipiru-guaçu veio indagar por que motivo não comia; ao saber da causa retirou-se, voltando logo depois com um instrumento de pau para lhe extrair os dentes.

— Que instrumento seria esse? — indagou Pedrinho, que mostrava certa vocação para a arte dentária.

— Não sei — respondeu Dona Benta. — Mas devia ser um instrumento de meter medo, porque logo que o viu o pobre Hans declarou que a dor já havia passado...

Mesmo assim o índio insistiu em arrancar-lhe os dentes, muito custando a Hans fazê-lo desistir da idéia. Ipiru-guaçu, então, ameaçou-o de matá-lo antes do tempo, caso persistisse em não comer.

— Por quê, vovó? — indagou a menina.

— Porque, não comendo, emagrecia e os índios queriam comê-lo gordo...

E assim, para prolongar um pouco mais a sua triste vida, teve o pobre Hans de comer à força, embora a estalar com a sua horrorosa dor de dentes.

Alguns dias depois os índios o levaram para a taba de Ariariba (lugar das ostras), onde morava o grande chefe tupinambá, Cunhambebe[1], um dos poucos selvagens que deixaram nome em nossa história.

Havia lá uma grande festa, na qual os de Ubatuba queriam exibir o prisioneiro como se fosse um animal raro.

Hans foi. Ao aproximar-se da taba ouviu forte rumor de cantos e trombetas, e viu defronte das cabanas quinze cabeças espetadas.

Apavorou-se com o horrível quadro e disse consigo: “Amanhã talvez, estará lá também a minha...”

E foi neste doloroso estado de alma que penetrou na taba sinistra, rodeado de guardas que iam gritando:

— Aqui vos trago o escravo pero que caçamos na Bertioga!

Os índios correram a examinar a bela peça de caça loura e de olhos azuis e depois o conduziram à presença do grupo de chefes, que estavam a beber cauim. Os chefes olharam-no desconfiados e disseram:

— Vieste como inimigo?

Hans respondeu:

— Vim, mas não como inimigo.

Os chefes deram-lhe de beber.

Hans já conhecia de fama o cacique Cunhambebe, guerreiro audacioso e hábil, que muito mal fazia aos portugueses. Mas não o conhecia pessoalmente. Como ninguém lho designasse, dirigiu-se a um que pelo aparato e truculência parecia ser tal chefe.

— És tu Cunhambebe? Vives ainda?

— Sim — respondeu o índio; — vivo ainda.

— Já muito ouvi falar da tua pessoa e sei que és homem de grande coragem.

O morubixaba ergueu-se, cheio de orgulho, e pôs-se a passear pela sua frente, qual um pavão. Usava grande pedra verde no lábio inferior, e ao pescoço trazia um colar de conchas brancas de umas seis braças de comprimento. Depois sentou-se de novo e perguntou por que motivo Hans atirara contra eles na Bertioga.

O prisioneiro respondeu:

— Os portugueses me puseram à força no forte e me obrigaram a atirar.

— Mas tu és pero, o francês o disse; tu não entendes a língua dele.

Hans, aflito, respondeu:

— Sim, é verdade que a não entendo bem; estive muito tempo fora da terra dos franceses e esqueci a língua. Mas não sou pero.

Cunhambebe sorriu com incredulidade e disse:

— Já comi cinco portugueses e todos mentiram...

Hans estremeceu ao ouvir tais palavras, perdendo a pouca esperança de salvar-se que ainda tinha.

Cunhambebe continuou, perguntando o que os portugueses diziam dele e se o temiam.

— Sim — respondeu Hans —, falam muito de ti e das guerras que lhes costumas fazer; por isso fortificam melhor a Bertioga.

O morubixaba redargüiu:

— Hei de caçá-los a todos, como os de Ubatuba caçaram a ti.

— Teus verdadeiros inimigos são os tupiniquins, os quais prepararam vinte e cinco canoas para atacar tua gente.

— Havemos de vencê-los e devorá-los a todos — foi a resposta do chefe, que se regozijava dos muitos índios e peros que havia comido.

Durante a entrevista esgotou-se o cauim daquela cabana e os bebedores passaram-se para a imediata, terminando assim o primeiro encontro de Hans com o terrível Cunhambebe.

— Estou com medo, vovó — disse Narizinho. — Esse Cunhambebe me faz tremer...

— Pois eu estou entusiasmado! — gritou Pedrinho. — Gosto de um tipo assim! Ele estava no seu papel. Estava defendendo a sua terra, invadida por estrangeiros. Tinha o direito de comer quantos peros quisesse...

Narizinho fez cara de horror ante a bravata do menino. Dona Benta riu-se e continuou.

1- Gago, língua arrastada.

XII

Antropofagia

Cunhambebe, além de terrível comedor de inimigos, era guerreiro de valor. As suas expedições contra os tupiniquins e peros sempre foram bem conduzidas e lhes causavam estragos enormes.

Em outra ocasião Hans Staden encontrou-o sentado à frente de uma grande cesta de carne humana. Cunhambebe estava comendo uma perna, que chegou à boca de Hans, perguntando-lhe se gostava.

Hans repeliu o horrível assado, dizendo que, se nenhum irracional comia o seu semelhante, como podia um homem comer a outro?

O antropófago cravou os dentes na carne, arrancou um naco e respondeu com a boca cheia:

— *Jauara ichê* (sou um tigre). Está gostoso!

— Realmente, que tigre! — exclamou Narizinho horrorizada, olhando para Pedrinho, que dessa vez não teve ânimo de defender o canibal.

— Depois que Hans deixou Cunhambebe — continuou Dona Benta — os índios levaram-no em exibição de cabana em cabana.

Um filho do cacique atou-lhe as pernas em três pontos e obrigou-o a pular de pés juntos. Todos riam-se e exclamavam:

— Aqui está a nossa comida pulando!

Hans desconfiou que aquilo já fossem preparativos para o sacrifício e perguntou a Ipiru se o iam matar naquele dia. Ipiru respondeu que não, mas que era costume tratarem assim aos prisioneiros.

— Faziam como faz o gato ao camundongo — lembrou Narizinho.

— Isso mesmo — confirmou Dona Benta —, mas notem vocês que havia nisso mais brincadeira do que crueldade. Não há termo de comparação entre o modo pelo qual os índios tratavam os prisioneiros e o que era de uso na Europa. Lá a "civilização" recorria a todos os suplícios, inventava as mais horrendas torturas. Assavam os pés da vítima, arrancavam-lhe as unhas, esmagavam-lhe os ossos, davam-lhe a beber chumbo derretido, queimavam-na viva em fogueira. Não há monstruosidade que em nome da lei de Deus os carrascos civilizados, em nome e por ordem dos papas e reis, não tenham praticado. Mesmo aqui na América o que sobretudo os espanhóis fizeram é de arrepiar as carnes. Os índios, não. Brincavam com as vítimas, apenas. Assim é que depois da tal dança de pernas amarradas eles rodearam Hans para escolher pedaços. A perna é minha, dizia um; o braço é meu, dizia outro; eu quero este pé, exclamava um terceiro.

Em seguida obrigaram-no a cantar. Hans obedeceu e entoou versos religiosos em latim. A curiosidade dos índios quis logo saber o que significavam.

— São versos cantados em honra do meu Deus — explicou Hans.

— Teu Deus é "*tipoti*" (excremento) — exclamaram diversos.

Hans, que era muito piedoso, magoou-se com aquilo e murmurou, olhando para o céu:

— Como podes tu, Deus poderoso, sofrer com paciência estes insultos?

Finda a festa os índios reconduziram o prisioneiro à taba de Ubatuba. No momento da partida os ariaribenses gritaram-lhe:

— Breve lá estaremos para provar da tua carne!

Não se pode imaginar um bota-fora mais sinistro... Hans regressou a Ubatuba, onde novos dias se passaram sem que os índios se resolvessem a comê-lo. Iam contemporizando sem que ele soubesse por quê.

Certa madrugada houve grande rebuliço na aldeia.

— Os tupiniquins! — gritavam os índios, correndo de um lado para outro, em preparativos para a luta. De fato, era um bando de tupiniquins vindos em vinte e cinco canoas, que rodeavam e atacavam a aldeia a flechadas.

Hans aproveitou-se do ensejo e disse aos tupinambás:

— Vós me tendes por português, mas vou provar-vos que não sou; dai-me arco e flechas que quero ajudar-vos na defesa da taba.

Os índios aceitaram a proposta; deram-lhe armas e Hans portou-se como um verdadeiro chefe, gritando para animar os defensores e atirando flechas o melhor que podia. Sua intenção porém era saltar a estacada logo que pudesse e fugir para o campo tupiniquim, onde o acolheriam como amigo. Mas aconteceu que em meio da luta os atacantes desistiram do assalto e retiraram-se para as suas canoas. Não pôde, pois, o nosso Hans realizar a fuga que havia projetado e teve que voltar para a cabana que lhe servia de cadeia. Na noite desse dia os chefes tupinambás reuniram-se ao luar, no centro da taba, e levaram-no para o meio deles por entre zombarias e maus-tratos. Iam resolver sobre a época do seu sacrifício. Enquanto os índios conferenciavam, Hans, muito triste, olhava para a lua, a dizer consigo:

— Ó meu Deus, ajuda-me nesta aflição e faze que breve me veja livre deste martírio.

Os selvagens estranharam-lhe os modos e perguntaram-lhe por que olhava tanto para a lua.

— Noto que ela está zangada — respondeu ele.

E, de fato, a lua lhe parecia terrível, como Deus lhe parecia terrível, como tudo lhe parecia terrível.

Nhaepepô, que era um dos que mais desejavam o seu sacrifício, perguntou-lhe:

— Com quem está zangada a lua?

Hans respondeu com ares misteriosos:

— Ela olha para tua cabana...

Nhaepepô enfureceu-se. Para abrandar-lhe a cólera Hans remendou o dito:

— Não será contigo; ela deve estar zangada com algum dos teus escravos carijós.

No dia seguinte chegou a notícia de que os atacantes da véspera, ao saírem dali, dirigiram-se a Mambucaba, cuja aldeia assaltaram e incendiaram. Os moradores puderam fugir, com exceção de uma criança que foi capturada.

— Coitadinha! — exclamou a menina compadecida. — E foi comida?...

— Não sei — respondeu Dona Benta; — Hans Staden nada conta do destino dessa infeliz, mas a mim me parece que a não mataram. Os índios poupavam as crianças.

Nhaepepô tinha em Mambucaba parentes e amigos e ao saber do desastre resolveu ir socorrê-los e ajudá-los na reconstrução de suas cabanas. E para lá se foi com vários auxiliares, levando a provisão de farinha de mandioca preparada para a festa do *devoramento* de Hans.

Este imprevisto incidente veio retardar o sacrifício e permitir que o prisioneiro respirasse com alguma esperança.

— Que situação horrível, vovó, a de um homem no caso de Hans! — disse a menina. — Saber que vai ser comido e viver assim — é hoje, é amanhã... Seria preferível que o matassem logo no primeiro dia!

— Se o matassem logo no primeiro dia, não estavam vocês hoje a ouvir a sua história — respondeu Dona Benta.

XIII

Esperanças

Logo depois da partida de Nhaepepô chegou de São Vicente um navio português, que deitou âncora perto da taba e disparou um tiro de canhão. Era o sinal do costume para que os índios das redondezas viessem ter com os navios.

Ao ouvirem o tiro os índios disseram ao prisioneiro:

— Aí vêm teus amigos portugueses; querem saber se vives e se queremos dar-te em troca de alguma coisa.

A notícia encheu-o de esperança. Mas ser procurado por navio português era dar provas de ser português e Hans inventou logo uma história destinada a atrapalhar os índios. Disse-lhes que tinha entre os portugueses um irmão francês e com certeza era esse irmão quem vinha procurá-lo.

Os índios porém não deram crédito à história. Aproximaram-se do navio a ponto de fala e perguntaram o que queriam.

Os portugueses indagaram de como ia passando Hans. Os selvagens responderam que não sabiam de quem se tratava.

Não havendo meio de entendimento, o navio afastou-se, deixando o mísero artilheiro mergulhado na maior dor. Pela segunda vez de todo perdia a esperança de salvar-se. Já via a iverapema sobre sua cabeça, prestes a desferir o golpe fatal. O sacrifício fora adiado por causa da partida de Nhaepepô; mas o índio regressaria breve, e então...

Assim o imaginou Hans, e ficou à espera do cacique, certo de que o seu regresso lhe marcaria o fim do martírio.

Ouvindo uma tarde gritos na cabana de Nhaepepô, Hans estremeceu. Era costume dos índios receberem com tais gritos os companheiros que tornavam das viagens, e aquele barulho queria dizer que Nhaepepô estava de volta. Resignadamente, pois, ficou à espera do que desse e viesse.

Sem demora veio ter com ele um índio, que lhe disse:

— Alkindar, o irmão de Nhaepepô, acaba de chegar e diz que os outros lá ficaram em Mambucaba muito doentes.

O coração de Hans bateu apressado, com a esperança de novo renascida. Aquela doença de Nhaepepô viria afastar mais uma vez a época do seu sacrifício.

Não demorou muito e apareceu-lhe Alkindar; sentou-se e principiou com lamúrias, dizendo que Nhaepepô, sua mãe e seus sobrinhos tinham caído doentes em Mambucaba, donde mandavam pedir a Hans que intercedesse perante o seu Deus para que todos sarassem.

— Meu irmão — concluiu Alkindar — pensa que o teu Deus está zangado com ele.

Ao ouvir tais palavras o pobre Hans criou alma nova, e sem demora confirmou tal suposição.

— Está zangado, sim, porque insistis em afirmar que sou português quando não é verdade. Ide ter com Nhaepepô e dizei-lhe que volte, que eu falarei a meu Deus para que todos sarem.

Com isto retornou para Mambucaba o índio e pela primeira vez dormiu Hans uma noite sossegada.

Alguns dias depois regressaram os doentes. Hans foi chamado à cabana de Nhaepepô, que lhe disse:

— Tu sabias de tudo. Tu disseste naquela noite que a lua olhava zangada para a minha cabana.

Hans lembrou-se do incidente da lua e encheu-se de grande alegria, imaginando que Deus visivelmente o estava protegendo. Aproveitou-se do caso para convencer o índio de que era assim mesmo. A lua estava zangada com todos eles porque queriam comê-lo, como se fosse um pero, o que não era verdade. Vinha daí aquele rosário de desgraças.

Nhaepepô pediu-lhe que o curasse. Hans, então, deu-se ares misteriosos e girou em torno dos doentes, fazendo passes com as mãos e pronunciando palavras cabalísticas. Terminou assegurando que iriam todos sarar.

Infelizmente aquelas micagens não produziram nenhum efeito. No dia seguinte morreu uma criança; em seguida, a mãe de Nhaepepô e mais uma velha que andava fabricando os potes para cauim da festa de Hans.

— Que festa? — indagou Narizinho. — A festa em que iam comê-lo?

— Sim — respondeu Dona Benta —, como nós hoje fazemos uma festa em torno do sacrifício de um peru... Mas não ficou aí o desastre; dias após faleceu outra criança e, por fim, um irmão de Nhaepepô.

O morubixaba caiu em grande tristeza diante do estrago que a morte estava a fazer em sua família; e, com medo de ir-se também, pediu de novo a Hans a proteção do seu Deus. Hans consolou-o, e afirmou que nada lhe aconteceria, caso abandonassem a idéia de o devorar.

O morubixaba concordou e prometeu poupá-lo, proibindo que na sua cabana o maltratassem ou o ameaçassem de morte.

Continuou doente esse índio por mais algum tempo, e por fim sarou, juntamente com uma de suas mulheres; havia perdido oito pessoas da família, todas muito más para Hans.

O morubixaba da cabana vizinha, Guaratinga-açu, sonhou certa noite que Hans lhe aparecera e anunciara sua morte. De manhã cedo foi procurá-lo para contar-lhe o sonho.

Hans explicou que coisa nenhuma lhe sucederia, se também desistisse de o devorar.

O índio concordou nisto; declarou que não lhe faria mal algum; e caso o matassem, não lhe comeria da carne.

— Triste consolo! — exclamou Pedrinho.

— Do mesmo modo sonhou com Hans um terceiro morubixaba, Carimã-Cuí (farinha de carimã), que também o mandou vir à sua presença. Deu-lhe de comer e contou-lhe que outrora capturara um português, do qual comera tanto que desde então vinha sentindo um mal do estômago.

Hans disse logo:

— Pois é isso. A carne humana é um veneno terrível e a tua doença vem de a teres comido. Se de hoje em diante desistires de comê-la, sararás e nunca mais terás sonhos tristes.

Carimã deu-se por convencido e prometeu nunca mais comer gente.

Começaram os índios a ter medo de Hans e a respeitá-lo. Até as velhas da taba, que eram voracíssimas e costumavam maltratá-lo com beliscões e ameaças, ganharam medo ao alemão, cujo Deus se patenteava de maneira assim visível.

Uma delas veio dizer-lhe:

— Meu filho, não nos deixes morrer. Se te tratamos mal é que te julgávamos português, gente a quem odiamos. Já comemos vários deles, mas o Deus português não fazia caso. O teu Deus zanga-se e por isso vemos que de fato não és português.

Desde essa ocasião todos da taba o deixaram em paz, embora o mantivessem sob vigilância, como dantes.

— O tal português que Carimã-Cuí comeu devia ser um pero de vinte e quatro quilates, para encruar assim no estômago de um canibal — comentou Pedrinho.

— Não caçoe dos seus avós, menino — advertiu Dona Benta a sorrir, e continuou.

XIV
A volta do francês

O tal francês, que tão cruelmente aconselhara os índios a que matassem e comessem o pobre Hans, voltou de novo à taba de Ubatuba, sempre a negócio de pimenta e penas. Veio de Iteron, nome primitivo de Niterói, que era onde aportavam os navios franceses.

Logo que chegou à taba admirou-se de ver ainda vivo o alemão.

— Que é isso, homem? Pois inda estás vivo?

— Sim, estou vivo graças a Deus, pois só a ele devo o ter conservado a vida até agora, contra o conselho que destes aos índios.

O francês, que os índios chamavam Carauatá-uara[1] parecia mudado e não olhou para Hans com o rancor da primeira vez. Em vista disso Hans o chamou de parte e expôs o seu caso, de maneira a convencê-lo de que na realidade não era português, e sim alemão, náufrago de um navio espanhol.

O francês mostrou-se arrependido do que fizera. Disse que realmente o havia julgado português, gente má a quem tanto os índios como os franceses não poupavam. Mas já que não era assim, ia ajudá-lo a salvar-se.

Tudo mudou depois dessa conferência. Carauatá-uara explicou aos índios que se enganara da primeira vez; o prisioneiro de fato não era português e sim de um país chamado Alemanha, cujos habitantes sempre foram amigos dos franceses. E acabou pedindo aos índios que o deixassem levar consigo.

Os índios deram-se por vencidos, mas declararam que só o deixariam ir se o pai de Hans ou seus irmãos o viessem buscar num navio cheio de machados, facas, tesouras, pentes e espelhos. Tinham-no apanhado em território inimigo e, pois, lhes pertencia.

Carauatá-uara procurou de novo Hans e contou-lhe os passos que dera. Estava convencido de que os índios não o largariam de forma nenhuma.

1- Comedor da fruta gravatá.

Hans pediu-lhe pelo amor de Deus que o mandasse buscar pelo primeiro navio aportado em Iteron. Carauatá-uara, depois de prometer-lhe isso, pediu aos índios que o guardassem cuidadosamente, até que seus parentes viessem buscá-lo. E partiu.

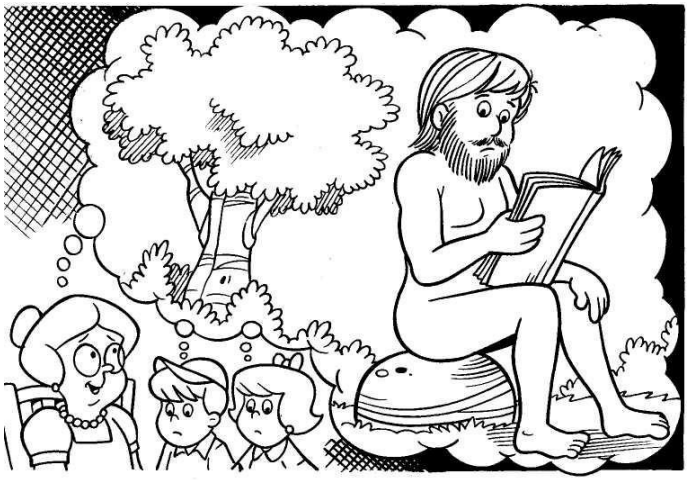
Enquanto se davam estes acontecimentos, os índios enfermos sararam e a vida da taba entrou no ramerrão habitual.

A volta da saúde trouxe a volta da gula, e o propósito dos índios de não comerem o prisioneiro começou a fraquear. As velhas murmuravam que os franceses, afinal de contas, não valiam mais que os peros.

Hans atemorizou-se com isso, porque não tinha grande confiança no caráter dos selvagens. Mas foi uma injustiça. Os tupinambás souberam cumprir o prometido, dando prova de que é mais de fiar-se um selvagem do que um rei branco como aquele Fernando, o Católico, de Espanha, que só cumpria a palavra dada quando lhe convinha.

XV

Cenas de canibalismo



Algum tempo depois os índios de Ubatuba foram convidados para uma festa na taba de Ticoaripe na qual iam comer um prisioneiro maracajá.

Os convidados partiram em canoas, levando Hans consigo.

Em todas as cabanas as mulheres estavam ultimando o preparo do cauim, bebida indispensável em tais festas.

Hans aproximou-se do prisioneiro maracajá e perguntou-lhe:

— Estás pronto para morrer?

O índio olhou-o com indiferença e respondeu, muito calmo, a sorrir:

— Sim, estou pronto para tudo. Mas nós maracajás possuímos melhores muçuranas...

— Que é isso, vovó? — perguntou Narizinho.

— Eram umas cordas que os índios preparavam especialmente para amarrar os prisioneiros no dia do sacrifício. Aquele maracajá sorria diante da morte e caçoava dos seus inimigos... Hans Staden sentiu uma grande dó do infeliz. Afastou-se e pôs-se a ler um livro de capa de couro, que os índios haviam trazido de um barco apanhado com auxílio dos franceses.

— Que livro seria esse, vovó? — indagou o menino.

— Não sei, meu filho. Hans esqueceu-se de transmitir à posteridade o nome dessa obra, talvez a primeira que veio circular no Brasil...

Logo depois voltou Hans a falar com o maracajá, dizendo-lhe:

— Eu também sou prisioneiro e moro em Ubatuba. Vim de lá trazido à força, mas não para ajudá-los a comerem da tua carne.

— Eu sei — disse o maracajá — que a gente da tua raça não come carne humana.

Hans procurou consolar a vítima e fez-lhe uma preleção. Disse que apenas lhe comeriam a carne, pois que sua alma voaria da terra com destino a um lugar muito alegre, para onde iam também as almas dos homens brancos.

— Será verdade isso? — exclamou o índio.

— Sim, é verdade. Lá para onde vão as almas é que reside Deus.

— Mas eu nunca vi esse Deus.

— Na outra vida hás de vê-lo — concluiu Hans.

Nessa noite um vento horrível açoitou a taba, chegando a arrancar pedaços do teto das cabanas. Os selvagens encolerizaram-se, dizendo que fora Hans quem trouxera o furacão.

— Ele é um diabo —— explicou um — e esteve hoje a olhar para o "*couro da trovoada*".

— Couro da trovoada, vovó?...

— Sim, o livro que ele estivera lendo...

Narizinho soltou uma gargalhada.

— Que idiotas!

— Os índios eram supersticiosos — explicou Dona Benta — e um livro seria para eles a coisa mais misteriosa e incompreensível do mundo, arte do demônio, como ainda hoje nossos caboclos classificam o gramofone, o telégrafo e as mais coisas que não podem compreender.

Afinal mataram o prisioneiro, assaram-lhe a carne e comeram-na, regando abundantemente o banquete a potes de cauim.

Finda a festa cuidou-se da volta para Ubatuba, e os donos de Hans trouxeram consigo um pouco de carne do maracajá.

No primeiro pouso, no momento em que os índios erguiam na praia um rancho onde passarem a noite, começou a chover.

— Faze cessar a chuva — disseram-lhe os índios — já que a chamaste sobre nós.

— Deus está zangado convosco — respondeu Hans — por terdes comido carne humana.

Os selvagens aborreceram-se e disseram que a carne humana era a sua verdadeira comida.

Perto de Hans ia um menino, a roer uma canela do maracajá. Esse espetáculo horrorizava ao alemão, que mandou o pequeno deitar fora aquilo. O menino não fez caso e continuou a roer o osso. Enquanto isso a chuva ia apertando. Afinal o pequeno lançou fora o osso e como logo em seguida a chuva cessasse, Hans aproveitou-se da coincidência para dizer:

— Vedes? Meu Deus estava zangado porque o menino roía aquele osso.

Os índios, porém, não eram de todo broncos e um deles disse:

— Mas se o menino tivesse comido a canela sem que tu visses, o tempo não se teria arruinado.

De volta a Ubatuba, Alkindar caiu doente dos olhos e andou cego por uns dias. O medo da morte fê-lo procurar Hans e pedir que rogasse ao seu Deus pela volta da vista. Hans o fez, e assim conseguiu também dele a promessa de não consentir que o matassem.

XVI

Aparece outro navio

Já ia no quinto mês a escravidão de Staden. Sua situação melhorara muito; o espantalho do seu sacrifício estava de todo afastado. Os índios, muito supersticiosos que eram, respeitavam-no cada vez mais, com medo de que o Deus de Hans os castigasse.

Por essa época surgiu em Ubatuba outro navio vindo de São Vicente. Embora inimigos, os portugueses e tupinambás não deixavam de entrar em negócios. Esses índios produziam muita farinha de mandioca, gênero de que os portugueses faziam grande consumo nas suas plantações, lavradas por escravos. Quando a farinha escasseava em São Vicente, vinham de lá navios a fim de obtê-la dos índios em troca de machados e anzóis. Esses navios ancoravam no porto e davam o tiro do costume. Os índios saíam da taba a indagar do que era.

— Negócio de farinha! — gritavam os de bordo.

Os índios, então, juntavam-se na praia, de armas em punho, mandando uma canoa com dois parlamentares ao encontro do navio a fim de ajustarem as condições do negócio. Depois de tudo bem combinado, realizava-se a permuta das mercadorias, com as maiores precauções de lado a lado porque um não confiava no outro.

Concluída a transação, recomeçava a guerra. Os índios despediam contra o barco uma nuvem de flechas e o barco por sua vez despejava contra os índios os seus canhões.

— Ora que curioso! — exclamou Pedrinho. — Está aí um costume que nunca imaginei possível.

— Era como se dissessem: inimigos, inimigos, negócios à parte — acrescentou Dona Benta. — No fundo, a necessidade os obrigava a isso. Uns não podiam passar sem anzóis, outros não podiam passar sem farinha. O armistício resolvia o apuro de ambas as partes, como breve parêntese na luta que só teve fim quando os índios foram completamente dominados.

O navio em questão entrou no porto e deu o tiro de aviso. Vieram os índios. Desta vez, não era farinha o que os peros queriam. Apenas desejavam saber notícias de Staden. Disseram mais que estava a bordo um irmão de Hans, com muitas mercadorias a ele destinadas.

Os índios parlamentares voltaram do navio com essa boa nova e Hans pediu que o deixassem conversar com o seu irmão.

— Quero pedir a meu irmão que conte a meu pai a minha história e lhe peça que venha buscar-me com um navio cheio de presentes.

Os selvagens acharam justa a pretensão; impuseram-lhe, todavia, que não falasse português. Andavam a preparar em segredo uma expedição contra a Bertioga e receavam que o prisioneiro os traísse.

— Nada temais — disse-lhes Hans; — os peros não compreendem a minha língua, nem a do meu irmão que está a bordo.

Os índios deixaram-se embaçar e levaram-no à distância de uns cinqüenta passos do navio. Dali Hans gritou:

— Deus seja convosco, irmãos. Que venha um só falar comigo e não dêem a perceber aos índios que não sou francês.

— Mas os índios não estavam a ouvir essa fala? — perguntou Pedrinho.

— Sim, estavam, mas esses índios não entendiam a língua dos portugueses, porque viviam em guerra com eles e sempre que apanhavam algum, em vez de o tomarem para professor, preferiam comê-lo assado. Desse modo podia Hans falar livremente sem receio de ser entendido.

Em resposta às suas palavras adiantou-se o biscainho João Sánchez e disse:

— Meu querido irmão, aqui vimos em busca de notícias tuas, visto como o primeiro navio mandado nenhuma nova pôde levar. Quem nos envia é o Capitão Brás Cubas, de Santos, o qual deseja saber se estás vivo, a fim de te resgatar.

Hans retomou a palavra:

— Que Deus vos recompense eternamente, pois vivo em grande aflição, sem saber o que estes selvagens querem de mim. Só sei que já me teriam devorado, se Deus não me houvesse protegido. Eles recusam-se a vender-me, pois esperam que meu pai venha de França buscar-me num navio cheio de presentes. Peço-vos que não os deixeis suspeitar que não sou francês, pois que isso me seria funesto, e peço-vos ainda que me deis facas, machados e anzóis com que eu possa presenteá-los.

Sánchez respondeu:

— Sim, irmão, tudo faremos como desejas. Manda cá uma canoa buscar os presentes.

Neste ponto os índios deram mostras de que já se estava prolongando demais a fala. Hans, então, despediu-se de Sánchez.

— Os índios não me deixam dizer mais. Cuidado com eles! Estão a preparar secretamente uma investida contra a Bertioga. Adeus!

— Adeus, irmão! — disse Sánchez. — Antes que eles ataquem a Bertioga, serão atacados pelos tupiniquins cujas canoas estão prontas. Não desanimes. Deus te há de acudir em melhor momento, já que neste nada podemos fazer pela tua salvação.

E separaram-se. Os índios levaram Hans dali e mandaram uma canoa a bordo em busca dos presentes, que Hans distribuiu entre eles, dizendo:

— Tudo isto me trouxe o meu irmão francês.

— E que foi que disseste a teu irmão? — perguntaram os índios.

— Disse-lhe — inventou Hans — que procurasse fugir das unhas dos peros e voltasse para a nossa terra, e de lá tornasse num navio cheio de presentes para vós, visto que sois bons para comigo e não me maltratais.

Semelhante fala, como é natural, muito agradou os selvagens, que murmuraram entre si:

— Não resta dúvida que é francês, havemos de tratá-lo como irmão.

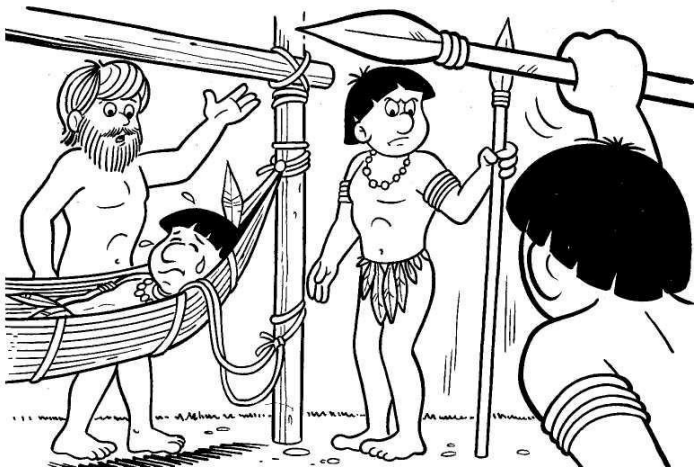
A partir desse momento gozou Hans de mais folga na taba; ia à caça com os índios e ajudava-os nos trabalhos de roça.

— Os selvagens, afinal de contas, não passavam de uns coitados — disse Narizinho. — Hans embaçou-os de uma vez.

— É que possuíam um grau de inteligência muito inferior ao dos brancos. Daí a facilidade com que os peros e os espanhóis, em muito menor número, conseguiram dominá-los. Neste caso de Hans, por exemplo, assistimos à luta da inteligência contra a bruteza. A inteligência, com suas manhas e artimanhas, acabou vencendo a força bronca do número.

XVII

O carijó doente



Havia na taba um prisioneiro carijó que houvera sido escravo dos portugueses e fora apanhado pelos tupinambás numa das expedições contra São Vicente. Esse carijó detestava Hans Staden e vivia dizendo que fora ele quem matara o pai de Nhaepepô com um tiro.

Era falso. O carijó estava ali na taba já de três anos e Hans só tinha um ano de estada no Brasil: não podia o índio, portanto, tê-lo conhecido na Bertioga, como afirmava.

Um dia, em que esse escravo caiu muito doente, Ipiru-guaçu, seu dono, chamou Hans para curá-lo.

Hans examinou-o e disse:

— Está doente e vai morrer porque me quis fazer mal. Não tem cura.

Em vista disso Ipiru resolveu dar o carijó ao seu amigo Abaté[1] para que o matasse e ganhasse um nome.

Vários índios que se achavam à volta do doente foram da mesma opinião.

— Sim, ele "*quer*" morrer; é melhor matá-lo já. Hans horrorizou-se com a idéia e disse:

— Não! Não o matem, que ele ainda poderá sarar.

De nada valeram as suas palavras; os índios levaram-no dali a braços, porque o doente não dava mais acordo de si.

Abaté recebeu o presente, agradeceu-o e foi para dentro buscar a iverapema. Trouxe-a, ergueu-a no ar e desferiu tamanho golpe no crânio do carijó que os miolos espirraram longe

Iam comê-lo. Hans interveio para aconselhar que não o fizessem; o carijó estava doente e sua carne poderia envenená-los.

Os índios vacilaram um instante. Estava tão feia a cara do carijó, além do mais

---

1- Homem notável, chefe.

cego de um olho, que se sentiram repugnados.

Nisto surge de uma das cabanas um índio mais desabusado, manda que as mulheres façam fogo ao pé do cadáver e decepa-lhe a cabeça, arrojando-a para longe.

Suprimida a parte do corpo que horrorizava pelo aspecto, desapareceu a repugnância dos índios, os quais tomaram o cadáver, chamuscaram-no ao fogo, esfolaram-no, dividiram-no em postas e distribuíram-nas entre os circunstantes. Logo depois em cada cabana começou a chiar ao espeto um naco de carijó...

— Pare, vovó! — exclamou Narizinho; — pare que estou sentindo uma bola no estômago...

— De fato, minha filha, o quadro é horroroso. No entanto fazemos nós hoje coisa muito parecida com os cadáveres dos bois e dos porcos... Afastado o aspecto moral, não vejo diferença entre o cadáver de um carijó e o cadáver de um boi.

— Basta, vovó — disse Pedrinho. — De hoje em diante não comerei mais carne.

— Nem de galinha? — interpelou Dona Benta.

Pedrinho, que gostava muito de frango assado, vacilou.

— De galinha não digo; mas de boi ou de porco, nunca mais!...

XVIII

O terceiro navio

Os tupinambás haviam marcado para a sua expedição contra a Bertioga o mês de agosto, tempo das tainhas. A abundância do peixe facilitava a operação guerreira, porque não há guerra possível quando não há facilidade de abastecimento.

Hans contava fugir por essa ocasião.

Ficaria na aldeia sozinho com as mulheres e fácil lhe seria escapar.

Oito dias antes da expedição, porém, chegou notícia de um novo barco francês ancorado em Iteron, ou Rio de Janeiro, como diziam os portugueses. Essa notícia viera por um bote pertencente ao navio, o qual chegara até Ubatuba em procura de pimenta, macacos e papagaios. Vinha no bote um tal Jacó que sabia a língua dos tupinambás e o jeito de negociar com eles.

Hans insistiu com os selvagens para que o conduzissem até ao navio, onde devia estar seu irmão com os presentes esperados.

— Não! — responderam os índios. — Esses franceses não são teus amigos. Vieram no bote e nem uma camisa te trouxeram.

Era bem verdade aquilo! Mas Hans insistiu; disse que se ele chegasse até à nau os franceses lhe dariam muita coisa.

— Tem tempo — responderam os selvagens. — O navio demora-se ainda. Depois da expedição cuidaremos disso.

Enquanto o nosso Hans, na praia, aferrado às suas esperanças, debatia com os índios, o bote de Jacó começou a afastar-se.

Na sua ânsia de libertação Hans perdeu a cabeça e atirou-se ao mar, rumo ao bote. Os índios foram-lhe ao encalço; um deles chegou a pôr-lhe a mão. O desespero, porém, redobrou as forças do fugitivo, que repeliu o índio, safou-se e, a violentas braçadas, atingiu o bote.

— Finalmente! — exclamou Narizinho, comovida. — Também já era tempo...

— Engano, minha filha. Não era tempo ainda. Os franceses do bote não o deixaram entrar. Repeliram-no, alegando serem amigos daquela tribo e que se o

deixassem entrar contra a vontade dos índios eles se vingariam. E o pobre Hans teve de voltar para terra...

— Que horror!

— Os índios, que já o supunham perdido, começaram a gritar alegremente: “Ele volta! Ele não fugiu!”

Hans, ao pisar na praia, mostrou-se agastado.

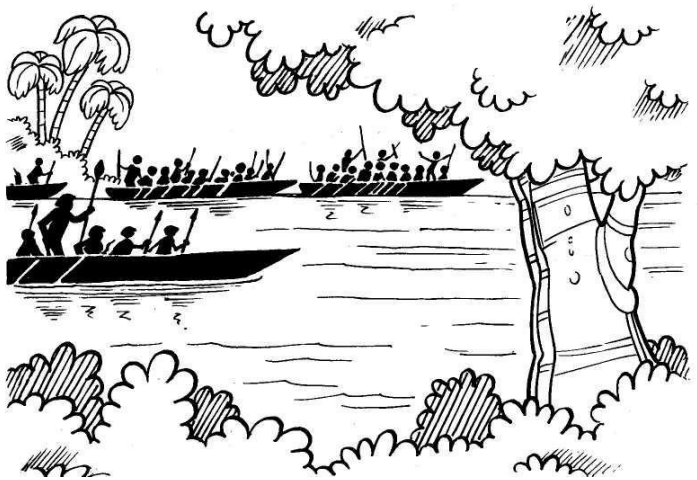
— Julgáveis então que eu pretendia fugir? Fui ao bote unicamente para dizer aos meus patrícios que viessem buscar-me depois da guerra e que trouxessem para vocês muitas coisas bonitas.

— Sim, senhora! — exclamou Pedrinho. — Esse alemão era das arábias! Conseguiu mais uma vez lograr os pobres índios...

— Lográ-los — confirmou Dona Benta — e agradá-los. Os índios ficaram contentíssimos com o seu gesto e passaram a tratá-lo ainda melhor.

XIX

A guerra



Quatro dias depois se reuniram em Ubatuba as canoas destinadas à guerra.

Cunhambebe compareceu com a sua hoste de guerreiros. Conferenciou com Ipiru e determinou que Hans tomaria parte na expedição. Esta decisão vinha transtornar todos os seus planos de fuga. Hans, no entanto, soube esconder a contrariedade e fingir que iria de bom grado, na esperança de que durante o percurso não o guardassem muito de perto e ele pudesse desertar em terra tupiniquim.

A expedição compunha-se de quarenta e três canoas, tripuladas por vinte e três homens cada uma.

— Não era uma brincadeira — exclamou Pedrinho. — Quarenta e três multiplicado por vinte e três dão — esperem um pouco — dão novecentos e oitenta e nove homens. Irra! Quase mil!...

— A intenção de Cunhambebe era dirigir-se à Bertioga pelo ponto onde haviam capturado o artilheiro; ali se ocultaria nas matas, para o ataque no momento oportuno.

Partiram a 14 de agosto de 1.554, mês da piracema das tainhas.

Essa expedição devia encontrar-se com a que os tupiniquins andavam organizando e fora marcada para a mesma ocasião, como Hans soube pela fala de João Sánchez.

Durante a viagem perguntaram-lhe os índios o que pensava da expedição e se seriam felizes.

Hans, está claro, respondeu o que podia responder, mas teve a habilidade de acrescentar:

— Meu parecer é que os tupiniquins vêm vindo ao nosso encontro.

Como era quase certo que assim fosse, queria arriscar uma afirmação que o fizesse passar como profeta.

As canoas iam sem pressa, parando sempre que topavam cardumes de tainhas. Os índios pescavam-nas em grande número, preparavam o piracuí e prosseguiam na marcha.

Quando se viram a um dia de viagem da Bertioga, arrancharam-se na ilha de Maembipe, que os portugueses diziam de São Sebastião. À noite Cunhambebe passou pelo acampamento e fez uma fala aos guerreiros. Disse-lhes que eram chegados às fronteiras do inimigo, e que, portanto, procurassem ter sonhos felizes, por meio dos quais se guiarem.

Concluída a fala, houve dança em torno dos maracás até tarde da noite.

Ao raiar do dia seguinte reuniram-se os chefes em torno duma panela de peixe frito, e enquanto comiam contaram uns aos outros os seus sonhos.

Foi depois resolvido que se entrasse nesse mesmo dia em terra inimiga, por um lugar chamado Boiçucanga, onde aguardariam a noite.

Ao deixarem Maembipe perguntaram novamente a Hans o que pensava da guerra, ao que Hans respondeu, ao acaso, que em Boiçucanga iriam encontrar o inimigo.

Era intenção de Hans fugir nesse ponto, distante apenas seis léguas do sítio onde o haviam capturado.

As canoas puseram-se em movimento, remadas com vigor.

Perto de Boiçucanga avistaram-se entre duas ilhas as primeiras canoas contrárias.

— Lá estão os inimigos tupiniquins! — exclamam os tupinambás. — Bem o disse o nosso francês!

Aquelas canoas, porém, logo que perceberam as dos tupinambás, trataram de fugir. Os tupinambás deram força aos remos e perseguiram-nas durante quatro horas, até alcançá-las.

Eram apenas cinco, todas da Bertioga. Hans reconheceu-as. Numa estavam os seis mamelucos, entre os quais dois irmãos Braga — Domingos e Diogo. Estes homens resistiram heroicamente, um manejando o arco, outro a zarabatana.

— Que é zarabatana, vovó? — indagou Pedrinho.

— É uma arma muito interessante, de uso na caça de animais pequenos. Consiste num tubo dentro do qual se oculta uma seta muito fina, de ponta envenenada. O atirador lança tal seta por meio de um sopro forte. A seta fere de leve e mata pelo veneno.

— Interessante! — exclamou Pedrinho. — Vou fazer uma.

— E onde arranja sopro forte? — objetou a menina. — Para isso é preciso fôlego de índio...

Dona Benta deu-lhe razão e continuou:

— Domingos, Diogo e seus companheiros resistiram com extrema bravura durante duas horas. Resistiram a trinta canoas! Afinal as suas flechas esgotaram-se! Os tupinambás, então, deram-lhes em cima, capturando a uns e matando a outros.

Os irmãos Braga tiveram a sorte de não receber nenhum ferimento.

Finda a luta, os tupinambás cuidaram de regressar a Maembipe, onde os prisioneiros foram levados para as cabanas dos seus respectivos apresadores.

Os feridos receberam morte imediata, sendo espostejados e assados ali mesmo. Entre estes havia dois mamelucos cristãos, um de nome Jerônimo e outro chamado Jorge Ferreira, filho de um capitão português.

O corpo de Jerônimo coube ao índio Paraguá, que era companheiro de cabana de Ipiru-guaçu.

Paraguá assou-lhe a carne perto do ponto em que Hans se deitara para dormir.

Está claro que o nosso Hans não pôde conciliar o sono. O cheiro do assado fê-lo erguer-se e sair. Andou então pelo acampamento em busca dos irmãos Braga, seus conhecidos da Bertioga.

Conseguiu encontrá-los e falar-lhes. A primeira pergunta que os infelizes fizeram foi se iam ser devorados.

Hans respondeu que tivessem fé na providência divina, pois como estavam vendo, ali se achava ele entre os selvagens, vivo, após oito meses de cativeiro.

Isto consolou-os um bocado. Em seguida perguntaram-lhe de Jerônimo.

— Já está assado — respondeu Hans; — e o filho do Capitão Ferreira, esse já está comido...

Aos ouvirem tão tristes novas os dois irmãos não puderam reter as lágrimas. Hans procurou animá-los, contando-lhes toda a sua história e recomendando-lhes paciência.

— O que Deus fez por mim — concluiu ele — também fará por vós. Entregai-vos, pois, à vontade divina, certos de que este mundo é mesmo um vale de lágrimas.

— Nunca o verificamos tanto como agora — responderam os moços — e foram estas as últimas palavras que Hans lhes ouviu.

XX
Festas de canibais

Dali foi Hans Staden à choça onde estava Cunhambebe, ao qual perguntou o que pretendia fazer dos mamelucos.

— Devorá-los! — foi a resposta do truculento canibal. Em seguida o proibiu de conversar com eles. Cunhambebe estava encolerizado contra os mamelucos; achava que deviam ter ficado em casa, em vez de se meterem com os tupiniquins.

Hans rogou-lhe que os deixasse viver, e os vendesse aos portugueses.

O truculento chefe tupinambá, porém, repetiu-lhe que seriam devorados.

Hans desanimou, mormente presenciando com que prazer de glutão Cunhambebe comia naquele momento uma perna humana assada.

Ia começar a festa. O chefe ordenara que cada qual levasse o seu prisioneiro para um sítio limpo, adequado às danças.

Feito isso, principiaram as cerimônias. Os prisioneiros foram obrigados a cantar e chocalhar os maracás, enquanto os índios lhes dançavam em redor. Em certo momento adiantou-se um dos prisioneiros tupiniquins e falou com arrogância, de cabeça erguida:

— Sim, saímos como costumam fazer os bravos, para matar e comer nossos inimigos. Fomos vencidos e aprisionados, mas pouco importa. Os valentes morrem em terra inimiga. Nossa nação é poderosa e há de vingar-nos!

— Bravo! — exclamou Pedrinho. — Assim é que um homem deve morrer. E os tupinambás?

— Os tupinambás responderam: “Sim, nós também nos vingamos, nós também vamos agora vingar os muitos irmãos que nos matastes”.

Concluídas as danças e as falas heróicas cada qual levou consigo o seu prisioneiro.

Três dias depois a expedição prosseguiu na viagem de volta. Boa que fora a caçada, davam por concluída a guerra. Os ubatubanos haviam capturado oito indígenas e três mamelucos, além dos dois que levavam assados.

Logo que os guerreiros-caçadores chegaram a Ubatuba, Hans lembrou-lhes a promessa feita antes da partida de o levarem a bordo do navio francês, ancorado em Iteron.

Os índios responderam que sim, que iriam levá-lo; mas primeiro queriam descansar e comer o “*moquém*”, isto é, a carne dos mamelucos trazida já assada.

Em frente à cabana de Ipiru, onde residia Hans, ficava a cabana do cacique Tatamiri (foguinho). Este chefe deu uma festa; mandou preparar muito cauim e forneceu o assado: a carne de Jorge Ferreira, o filho do capitão português.

Os convidados beberam, comeram e cantaram numa grande alegria.

No dia seguinte requentaram os restos do *moquém* e repetiram a festança.

A carne do mameluco Jerônimo pertencia a Paraguá, índio morador na cabana de Ipiru. Paraguá tinha saído da taba em procura de mandioca para o preparo do cauim.

— Mas o cauim, vovó, não era feito de milho?

— Sim, de milho ou, na falta do milho, de mandioca, e às vezes de milho e mandioca ao mesmo tempo — respondeu Dona Benta, e prosseguiu:

— Hans impacientou-se. O navio devia estar prestes a sair, de modo que a demora de Paraguá poderia mais uma vez transtornar-lhe os planos.

Afinal o índio voltou, trazendo a mandioca necessária.

Fez preparar o cauim e reuniu os amigos para um rega-bofe em torno da carne de Jerônimo, que estava dura como pau.

A essa festa foram obrigados a comparecer os irmãos Braga e mais um mameluco de nome Antônio; tiveram de beber com os selvagens e assistir ao *devoramento* do companheiro.

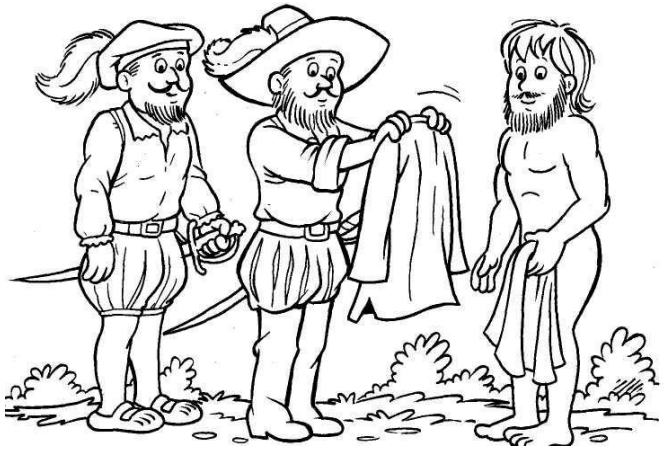
Os índios conversavam com eles muito cordialmente, como se fossem amigos, mas na alma de ambos só havia desespero e dor, tão terrível era o fim que os aguardava.

— E foram comidos esses moços? — perguntou Narizinho.

— Não, minha filha. Puderam escapar. Hans indicou-lhes o melhor meio — e eles tiveram tanta sorte que conseguiram iludir a vigilância dos índios e fugir para a terra dos tupiniquins.

XXI

Hans muda de taba



Depois desses acontecimentos, Ipiru-guaçu resolveu entregar Hans ao morubixaba Abati-poçanga (bebida de milho), da taba de Itaquaquecetuba[1]. O nosso artilheiro foi conduzido para lá, onde o entregaram a Abati, com recomendação de não lhe fazerem mal, porque o Deus de Hans se mostrava terrível quando o maltratavam.

Hans confirmou tais palavras e disse que brevemente chegariam seu irmão e mais parentes, com um navio cheio de coisas destinadas ao morubixaba.

Abati-poçanga chamou-lhe "seu filho", tratou-o muito bem e nunca mais saiu à caça sem que o levasse consigo.

Sua situação mudara por completo. Embora prisioneiro, gozava de todas as regalias e já contava como certo o regresso à pátria.

Quatorze dias depois da sua chegada a Itaquaquecetuba uns índios dirigiram-se a ele, dizendo ter ouvido tiros de peça dos lados de Iteron.

Era de fato um navio francês que entrara. Como o caso de Hans já andava muito espalhado, logo souberam dele a bordo, e o comandante mandou à sua procura dois homens.

Esses emissários eram boas almas, em tudo diferentes do Carauatá-uara e do Jacó. Ao se encontrarem com o prisioneiro sentiram-se tomados de piedade e com ele repartiram suas roupas. Depois explicaram que tinham vindo com ordem de conduzi-lo de qualquer maneira.

O coração de Hans palpitou violentamente, de júbilo e esperança. Qualquer coisa lhe dizia que era chegado o termo dos seus sofrimentos.

Conferenciou com os franceses e combinou o meio de enganar os índios. Em seguida puseram em prática o plano.

Um deles, de nome Perot, apresentou-se a Abati-poçanga como o tão esperado irmão de Hans, dono do navio de Iteron, e convidou-o a ir até lá com os seus índios, para receber os presentes trazidos. Pediu-lhe que levasse consigo o prisioneiro, a fim de ser abraçado por outros parentes que ficaram a bordo. Quando o navio partisse, Hans regressaria à taba, entregando-se ao cultivo da pimenta, mercadoria que esse barco tinha de vir buscar no ano seguinte.

Os indígenas concordaram com a proposta e Abati-poçanga partiu para Iteron, levando Hans em sua companhia.

Lá chegando, subiram todos ao barco, sendo recebidos com toda a cordialidade pelos franceses.

Hans contou-lhes a sua história e todos se enterneceram profundamente com tão longa tragédia.

Cinco dias durou a permanência de Abati a bordo. Ao termo desse prazo perguntou ele pelos presentes. O comandante disse a Hans que o fosse entretendo até o momento de largar ferro, mas de modo que Abati não se zangasse nem desconfiasse.

Hans engambelou o índio; apesar disso Abati desconfiou e insistiu em levá-lo para terra.

Hans fez-lhe ver que quando parentes e bons amigos se encontram, depois de longa ausência, não podem separar-se assim depressa; pediu-lhe um pouco mais de paciência; o navio muito breve iria partir e então regressariam todos à taba.

Abati achou razoável aquilo e cedeu.

Finalmente, completa a carga, embarcaram-se os franceses e o navio aparelhou para zarpar.

O comandante reuniu os índios na coberta e, por meio de um intérprete, disse-lhes que estava muitíssimo contente com todos por terem poupado Hans, apesar de o haverem apanhado entre inimigos. Disse que mandara chamá-los a bordo para os presentear em agradecimento pelo bom trato que dispensaram ao prisioneiro; disse mais que sua intenção era deixá-lo na taba de Abati, entregue ao cultivo da pimenta, já que Hans se dava tão bem por lá e era tão amado.

Nesse momento o comandante foi interrompido por um grupo de dez franceses que se declararam irmãos de Hans e lhe pediram que conseguisse dos índios a restituição do prisioneiro, cujo velho pai ansiava por abraçá-lo de novo.

O comandante, depois de ouvida a súplica dos "dez irmãos", dirigiu de novo a fala aos índios. Disse-lhes que sua intenção sempre fora deixar o prisioneiro com Abati; mas os dez irmãos queriam o contrário e, como ele era um só e os outros dez, não tinha meios de resistir ao número, sendo forçado a ceder diante da força.

Mal o comandante cessou de falar, adiantou-se Hans para dizer que muito desejava ficar na taba de Abati onde fora tão bem tratado, mas que se via impedido disso pela atitude dos seus dez irmãos.

Abati-poçanga declarou então que consentia na sua partida com a condição de voltar no ano seguinte. Era seu amigo, considerava-o seu filho e estava zangado com os de Ubatuba por terem querido devorá-lo.

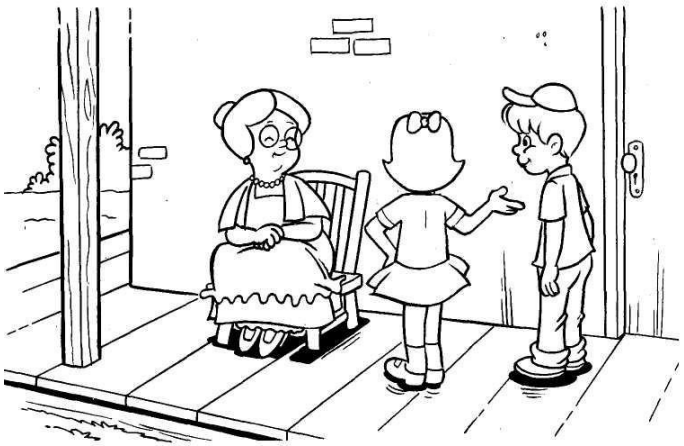
A comédia acabou bem. O comandante fez vir facas, espelhos, machados e pentes e entregou tudo a Abati.

Terminadas as despedidas, os índios desceram às canoas. Ao vê-los, enfim, deixarem o navio, o nosso Staden soltou o maior *uf*! que a história do Brasil registra. Estava salvo!

1- Bambuzal.

XXII

A salvação



— Que navio era esse, vovó?

— Esse navio chamava-se *Catherine de Vataville* e tinha por comandante o Capitão Guilherme de Moner.

No momento de deixar Iteron o Vataville avistou um barco português que também saía, depois de ter negociado com a tribo dos maracajás.

Os franceses lançaram ao mar um escaler com algumas bocas-de-fogo, com o fito de atacá-lo, levando consigo Hans. Como o artilheiro falava português, quiseram que ele fosse para intimar os portugueses à rendição.

O trunfo, porém, saiu às avessas. O naviozinho atacado reagiu valentemente e repeliu o escaler. Morreram vários franceses, além de muitos ficarem feridos, entre os quais o próprio Hans.

— Que azar! — exclamou Pedrinho. — Teria graça se depois de livre dos canibais morresse das balas dos peros...

— E quase foi assim — disse Dona Benta — porque Hans recebeu ferimentos graves; mas sua natureza era rija e por fim escapou.

A partida de Iteron deu-se no último dia de outubro de 1.554. Ferido como se achava, Hans não pôde despedir-se daqueles céus e daquelas montanhas, mas lá do leito em que ardia em febre disse mentalmente um "*até nunca mais*" à terra onde por um triz escapou de ser *moqueado* e comido.

A 20 de fevereiro do ano seguinte o Vataville chegou a Honfleur, na Normandia, depois de quatro meses de viagem sem incidentes.

Parece que a sorte adversa se cansara de perseguir o nosso aventureiro, depois de verificar que coisa nenhuma o vencia. Naufrágios, combates navais, guerra terrestre, sanha de antropófagos — nada pôde com ele.

Hans regressou à sua pátria, onde escreveu o livro em que conta estas histórias, livro precioso para nós porque foi o primeiro publicado a respeito de coisas do nosso país.

— Agora, que terminei a narração da sua vida atormentada, quero que vocês me digam que lição tiram dela — concluiu a vovó.

— Que não devemos desanimar nunca! — exclamou Pedrinho incontinenti.

— Isso mesmo — aprovou a boa senhora. — E você, Narizinho, que lição tira?

— Que são horas de ir para dentro porque a Emília está pendendo de sono — respondeu a travessa menina, abrindo a boca num bocejo de urutau.

**** Fim do Volume III ****